

Personagens

PRÍAMO, Rei de Tróia.

HEITOR
TRÓILO
PÁRIS
DEÍFOBO
HELENO

} filhos de Príamo.

MARGARELONTE, filho bastardo de Príamo.

ENÉIAS
ANTENOR

} comandantes troianos.

CALCANTE, sacerdote troiano, passado para os gregos.

PÂNDARO, tio de Cressida.

AGAMÉMNONE, general dos gregos.

MENELAU, seu irmão.

AQUILES
AJAZ
ULISSES
NESTOR
DIOMEDES
PÁTROCLO

} comandantes gregos.

TERSITES, grego disforme e maldizente.

ALEXANDRE, criado de Cressida.

O criado de Tróilo.

O criado de Páris.

O criado de Diomedes.

HELENA, esposa de Menelau.

ANDRÔMACA, esposa de Heitor.

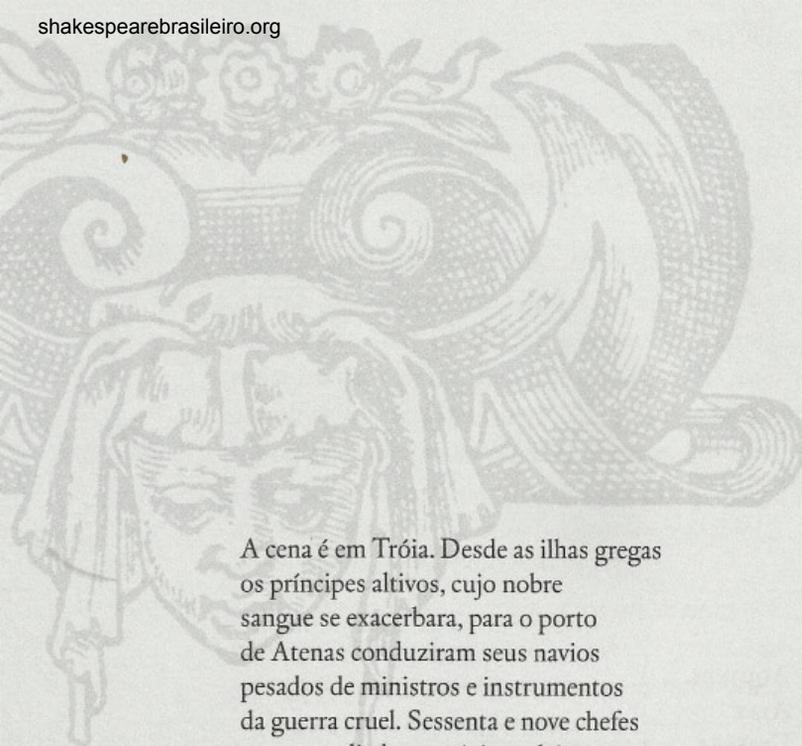
CASSANDRA, filha de Príamo; profetisa.

CRESSIDA, filha de Calcante.

Soldados gregos e troianos; gente de serviço.

Cena

Tróia e o acampamento grego defronte da cidade.



A cena é em Tróia. Desde as ilhas gregas os príncipes altivos, cujo nobre sangue se exacerbara, para o porto de Atenas conduziram seus navios pesados de ministros e instrumentos da guerra cruel. Sessenta e nove chefes com seus diademas régios velejaram da baía ateniense para a Frígia. Todos eles fizeram juramento de destruir Tróia, em cujos muros fortes dorme a raptada Helena, a bela esposa de Menelau, com Páris voluptuoso. Daí a luta. A Tênedo chegaram. Os peçados navios toda a carga belicosa vomitam. Na planície dardânia os gregos ainda não maltratados ficam seus valentes pavilhões. A cidade de seis portas de Príamo: a dardânia, a tímbrica, a ilíada,

a antenórida, a quetas e a troiana, com maciças argolas e ferrolhos adequados e sempre em seus lugares fecha os filhos de Tróia. Faz cócegas agora a expectativa nos espíritos de uma e de outra parte, em troianos e gregos, arrastando para o azar a eles todos. Como prólogo armado aqui me encontro, mas não tenho como fim defender do ator a pena, ou mesmo a voz do ator. Foi nosso assunto que me impôs estes trajés. Desse modo, caros espectadores, vos declaro que nossa peça, o nascimento e início deixando desta luta, vai agora começar pelo meio. Desse ponto dirá quanto puder caber no conto. Palmas lhe concedei; atirai terra; ora bem, ora mal, como na guerra.

Ato I • Cena I

Tróia. Diante do palácio de Príamo.

Entram Tróilo armado e Pândaro.

TRÓILO • Chama meu criado; quero desarmar-me.

Por que hei de pelejar fora dos muros de Tróia, se sustento dentro deles uma tão cruel batalha? Para o campo saiam quantos troianos são senhores do próprio coração, porque o de Tróilo — oh dor! — não lhe pertence.

PÂNDARO • Nunca há de melhorar vosso estado?

TRÓILO • Os gregos são robustos e muito hábeis na resistência, ousados sem confronto na habilidade, bravos na ousadia.

Eu, porém, sou mais fraco do que lágrima de mulher, mais tranqüilo do que o sono, simples como a ignorância, tão ousado quanto as virgens de noite e menos hábil do que uma criança falha de experiência.

PÂNDARO • Bem, a esse respeito já disse o que tinha de dizer. Pelo meu lado, não desejo meter-me nessas coisas. Quem tem trigo e quer fazer um bolo, precisará esperar pelo tempo da moagem.

TRÓILO • E eu não esperei?

PÂNDARO • A moagem, sim; mas precisareis esperar que seja peneirado.

TRÓILO • Esperei muito.

PÂNDARO • Sim, até que fermentasse; mas na palavra “depois” ainda está incluído o amassar, o preparo do bolo, o aquecimento do forno e o próprio ato de assar. Mais, ainda: tereis de esperar que esfrie, para não acontecer queimardes os lábios.

TRÓILO • Até a Paciência, embora sendo deusa, menos do que eu se dobra ao sofrimento.

Sento-me à mesa real do velho Príamo;

e quando a formosíssima Cressida

me vem ao pensamento... Oh miserável!

“Quando me vem ao pensamento?” E quando não se encontra ela aí?

PÂNDARO • É certo; ontem à noite ela estava mais bela do que nunca; mais do que qualquer outra mulher.

TRÓILO • Estava para te contar que quando meu coração se encontra quase, quase

para romper-se, como que fendido por um suspiro, porque o não perceba meu pai ou Heitor, por vezes — como vemos brilhar o sol em dia tempestuoso — na dobra de um sorriso indiferente escondo o meu suspiro. Mas a pena que alegre quer mostrar-se e fica muda é como o riso que em pesar se muda.

PÂNDARO • Se ela não tivesse os cabelos um pouco mais escuros do que os de Helena — bem, deixemos isso — não haveria comparação entre as duas mulheres. Sim, no que me diz respeito, sou seu parente; não desejo, portanto, como se diz, elogiar-la. Mas só queria que alguém a tivesse ouvido conversar ontem, como o fiz. Não pretendo depreciar o espírito de vossa irmã Cassandra, mas...

TRÓILO •

Oh Pândaro! o que eu digo... Oh meu bom Pândaro!

Ao dizer-te que minhas esperanças afogadas estão em qualquer parte, não me respondas lembrando a quantas braços elas se encontram submergidas.

Louco de amor me encontro por Cressida, digo-te; que é formosa me respondes.

Na úlcera aberta de meu coração os olhos dela deitas, os cabelos, o rosto, o passo, a voz. Em teu discurso —

oh dor! — referes-te à mão dela, em cuja comparação a cor mais branca é tinta que apenas a desonra própria escreve;

seu contacto macio áspera deixa a penugem do cisne e o leve toque do pensamento duro como a palma da mão do lavrador. Isso me dizes,

a verdade dizendo, quando eu digo quanto amor lhe dedico; e assim fazendo,

em vez de óleo e de bálsamo, mergulhas em todas as feridas que no corpo me produziu o amor, a própria faca que as havia causado.

PÂNDARO • Só falei a verdade.

TRÓILO • E ainda não disseste toda ela.

PÂNDARO • Por minha palavra, não quero imiscuir-me nessas coisas. Que ela seja o que é mesmo; se for

formosa, tanto melhor para ela; se não o for, tem em sua própria mão o corretivo.

TRÓILO · Bondoso Pândaro! E agora, Pândaro?

PÂNDARO · Pelo meu trabalho só ganhei canseiras; fui mal julgado por ela e mal julgado por vós; andei para lá e para cá, como intermediário, mas todo o meu trabalho mereceu bem pouco agradecimento.

TRÓILO · Como, Pândaro? Estás zangado? E logo comigo?

PÂNDARO · Só porque é minha parenta, não pode ser tão bonita quanto Helena; mas se não fosse minha parenta, seria na sexta-feira tão bonita quanto Helena o é no domingo. Mas que me importa? Para mim tanto faz que ela seja uma moura escura. Pouco se me dá.

TRÓILO · Acaso eu disse que ela não era formosa?

PÂNDARO · A mim pouco importa se o dissestes ou não. É tolice da parte dela ficar aqui, longe do pai: volte para o meio dos gregos! É o que pretendo dizer-lhe à primeira vez que a vir. No que me diz respeito, não voltarei a meter-me nesse negócio.

TRÓILO · Pândaro...

PÂNDARO · Não; deixai-me!

TRÓILO · Querido Pândaro...

PÂNDARO · Por obséquio, não faleis mais comigo; vou deixar tudo no ponto em que estava antes, e pronto.

(Sai Pândaro. Alarma.)

TRÓILO · Silêncio, ásperos tons! Barulho horrível, silêncio! Tolos de uma parte e de outra.

Helena tem de ser bonita, para diariamente com sangue a rebocardes.

Por uma causa dessas não combato; é assunto magro para minha espada.

Porém Pândaro... Oh deuses! que tormentos me propinais! Chegar não me é possível a Cressida senão por meio dele.

Ele, porém, é tão rebelde para deixar-se conquistar a conquistá-la, quanto ela contra a sedução se mostra teimosamente casta. Apolo, diz-me, pelo amor de tua Dafne, que é Pândaro? que é Cressida? que somos? A Índia é o leito em que ela dorme: lá se encontra a pérola. Entre nossa Ílio e o ponto em que ela mora há o que se chama o mar revoltado e infernal; o mercador nós somos, a este Pândaro, o veleiro de nossas esperanças vacilantes, a escolta, o próprio barco.

(Alarma. Entra Enéias.)

ENÉIAS · Então, príncipe Tróilo, por que causa não estais na campanha?

TRÓILO · Porque me acho neste momento aqui. Isso é resposta de mulher, que é conduta feminina ficar longe de lá. Que novidades, Enéias, temos hoje dos combates?

ENÉIAS · Páris voltou ferido para Tróia.

TRÓILO · Por quem, Enéias?

ENÉIAS · Oh! por Menelau.

TRÓILO · Oh! Páris foi ferido pelo corno de Menelau! Que sangue. Bom retorno.

(Alarma.)

ENÉIAS · Que bela caça há fora da cidade!

TRÓILO · Sim, se eu caçasse apenas com a vontade. Mas vamos para lá. Estais de acordo?

ENÉIAS · Naturalmente.

TRÓILO · O dia vai ser gordo.

(Saem.)

Ato I · Cena II

O mesmo. Uma rua.

Entram Cressida e Alexandre.

CRESSIDA · Como se chamam essas que passaram por nós neste momento?

ALEXANDRE · A Rainha Hécuba e Helena.

CRESSIDA · Aonde vão elas?

ALEXANDRE · Para a torre do nascente, cujo alto todo o vale domina como a súdito. A batalha vão apreciar. Heitor, cuja paciência como a própria virtude é inabalável, está agitado; censurou Andrômaca, deu no próprio escudeiro e, após, mostrando um zelo de feitor pelos combates,

antes de o sol sair armas ligeiras
 envervou e partiu para a campina,
 onde as flores, no jeito dos profetas,
 choram com antecedência o que pressentem
 da cólera de Heitor.

CRESSIDA · E a causa disso?

ALEXANDRE ·

Eis o boato que corre: há entre os gregos
 um guerreiro troiano pelo sangue.

É sobrinho de Heitor; chama-se Ajaz.

CRESSIDA · Bem; e depois?

ALEXANDRE · É um homem, dizem todos,
 como ninguém, e sabe usar as pernas.

CRESSIDA · Ora! Não há homem que não faça a
 mesma coisa, a menos que esteja bêbedo ou doente,
 ou que não tenha pernas.

ALEXANDRE · Esse homem, senhora, roubou a
 muitos animais suas qualidades características: é
 valente como o leão, grosseiro como o urso, lento
 como o elefante; é um homem em quem a natureza
 de tal modo acumulou temperamentos, que seu
 valor ficou comprimido até a loucura e sua loucura
 temperada com sabedoria. Não há virtude de que
 ele não possua algum reflexo, nem vício de que não
 mostre qualquer mancha particular. É triste sem
 motivo, e alegre a contrapelo; tem as articulações
 de todas as coisas, mas todas as coisas tão
 desarticuladas, que parece um Briareu gotoso, com
 muitas mãos, mas sem poder fazer uso delas, um
 Argo cego, todo olhos, mas sem nada enxergar.

CRESSIDA · Mas, de que modo semelhante homem,
 que me provoca o riso, pode ter deixado Heitor
 enraivecido?

ALEXANDRE · Dizem que ontem ele se mediu com
 Heitor no campo de batalha e o atirou ao chão.
 Desde então o despeito e a vergonha impedem
 Heitor de comer e dormir.

CRESSIDA · Quem vem vindo aí?

(Entra Pândaro.)

ALEXANDRE · É vosso tio Pândaro, senhora.

CRESSIDA · Heitor é um homem bem-parecido.

ALEXANDRE · Como não há segundo, senhora.

PÂNDARO · Como assim? Como assim?

CRESSIDA · Bom dia, tio Pândaro.

PÂNDARO · Bom dia, sobrinha Cressida. Sobre que
 estáveis conversando? Bom dia, Alexandre. Como
 tendes passado, prima? Quando estivestes em Ílio?

CRESSIDA · Esta manhã, tio.

PÂNDARO · Sobre que estáveis conversando, quando
 eu cheguei? Heitor já se tinha armado e havia saído,
 quando viestes para Ílio? E Helena, já estava de pé?

CRESSIDA · Heitor já havia saído e Helena ainda não
 se tinha levantado.

PÂNDARO · É isso mesmo; Heitor começa a mexer-se
 muito cedo.

CRESSIDA · Era sobre ele que estávamos falando, e
 de sua cólera.

PÂNDARO · Ele estava colérico?

CRESSIDA · Pelo menos, foi o que disse este aqui.

PÂNDARO · É certo; estava; e eu sei a razão disso.

Hoje ele vai fazer maravilhas, posso asseverar-
 vos, e Tróilo não vai ficar muito atrás dele. Eles
 que tomem cuidado com Tróilo, posso também
 asseverar-lhes.

CRESSIDA · Como! Ele também está colérico?

PÂNDARO · Quem? Tróilo? Dos dois, Tróilo é o
 melhor.

CRESSIDA · Oh Júpiter! Mas não há comparação.

PÂNDARO · Como! Entre Tróilo e Heitor?

Conheceis um homem pela vista?

CRESSIDA · Certamente, no caso de já o ter visto
 antes e de conhecê-lo.

PÂNDARO · Bem; só digo que Tróilo é Tróilo.

CRESSIDA · Nesse caso, dizeis a mesma coisa que eu,
 pois tenho certeza de que ele não é Heitor.

PÂNDARO · Não; nem Heitor é Tróilo, sob alguns
 aspectos.

CRESSIDA · É certo; ele é ele mesmo.

PÂNDARO · Ele mesmo! Ah, pobre Tróilo! Desejara
 que o fosse.

CRESSIDA · Pois é o que ele é.

PÂNDARO · Se ele o fosse, eu iria a pé até a Índia.

CRESSIDA · Ele não é Heitor.

PÂNDARO · Ele mesmo! Não, ele não é ele mesmo.
 Quem dera que o fosse! Bem; os deuses estão lá em
 cima; o tempo terá de atar ou desatar. Muito bem.
 Tróilo; muito bem. Só quisera que meu coração
 estivesse no corpo dele; Heitor não é melhor que
 Tróilo.

CRESSIDA · Desculpai-me.

PÂNDARO · É mais velho.

CRESSIDA · Perdoai-me; perdoai-me.

PÂNDARO · O outro ainda não chegou ao ponto
 em que ele se encontra. Haveis de contar-me outra

história, quando o outro chegar lá. Este ano Heitor não terá o espírito de Tróilo.

CRESSIDA · Não terá necessidade dele, no caso de ter o próprio.

PÂNDARO · Nem suas qualidades.

CRESSIDA · Que importa!

PÂNDARO · Nem sua beleza.

CRESSIDA · Essa não lhe assentaria; a sua lhe fica melhor.

PÂNDARO · Não tendes discernimento, sobrinha. A própria Helena jurou há dias que Tróilo, para o tipo moreno — sim, que ele é moreno, terei de concordar — não moreno de todo...

CRESSIDA · Não; porém moreno.

PÂNDARO · Por minha fé, para dizer a verdade ele é moreno e não é moreno.

CRESSIDA · Para dizer a verdade, é verdade e não é verdade.

PÂNDARO · Ela achou a cor dele mais bonita do que a de Páris.

CRESSIDA · Ora, Páris tem cor suficiente.

PÂNDARO · De fato.

CRESSIDA · Nesse caso, Tróilo a tem em excesso. Se ela disse que ele é mais do que Páris, sua cor é mais carregada do que a daquele. Se Páris tem cor suficiente e o outro mais do que ele, fica muito chamejante o elogio para uma cor agradável. Com igual propriedade a língua de ouro de Helena poderia ter feito o elogio de Tróilo, por ser ele possuidor de um nariz de cobre.

PÂNDARO · Posso jurar-vos que Helena lhe dedica mais amor do que a Páris.

CRESSIDA · Então é que ela é, realmente, uma grega bastante alegre.

PÂNDARO · Não; tenho certeza de que o ama. Um dia destes ela se aproximou dele no canto da janela... Como sabeis, ele não poderá ter mais do que três ou quatro pêlos no queixo...

CRESSIDA · Com efeito, sobre esse aspecto a aritmética de um taberneiro em pouco tempo reuniria num total todas as parcelas.

PÂNDARO · Sim, ele é muito moço ainda; no entanto, por uma diferença de três libras ele empalmará tanto quanto seu irmão Heitor.

CRESSIDA · Como! Tão moço e já tão consumado empalmador?

PÂNDARO · Mas, para vos demonstrar que Helena, realmente, lhe dedica amor: ela se achegou para ele e pousou a mão branca em seu queixo fendido...

CRESSIDA · Juno misericordiosa! De que modo lhe fenderam o queixo?

PÂNDARO · Ora, como sabeis, tem uma covinha. Penso que o sorriso dele lhe assenta melhor do que o de qualquer outro homem da Frígia.

CRESSIDA · Oh! tem um sorriso valente.

PÂNDARO · Não é verdade?

CRESSIDA · Sim, até parece uma nuvem de outono.

PÂNDARO · Ora, deixai disso. Mas para provar-vos que Helena gosta mesmo de Tróilo...

CRESSIDA · Tróilo se sujeitará à prova, se assim o determinardes.

PÂNDARO · Tróilo? Ele a aprecia como eu aprecio um ovo vazio.

CRESSIDA · Se gostásseis tanto de um ovo vazio como de uma cabeça vazia, poderíeis comer os pintos na casca.

PÂNDARO · Não posso deixar de rir, ao lembrar-me de como Helena fazia cócegas no queixo dele. Ela tem, de fato, a mão maravilhosamente branca, sou forçado a confessá-lo.

CRESSIDA · Sem ser posto no banco de tormentos.

PÂNDARO · Ela estava empenhada em descobrir no queixo dele um pêlo branco.

CRESSIDA · Pobre queixo! Muita verruga será mais rica.

PÂNDARO · E foi tanta risada! A Rainha Hécuba riu de ficar com os olhos inundados.

CRESSIDA · Com pedras de moinho.

PÂNDARO · Cassandra também riu.

CRESSIDA · Mas sob o pote dos olhos dela havia um fogo mais temperado. Os olhos dela também ficaram inundados?

PÂNDARO · E Heitor riu tanto!

CRESSIDA · E qual foi a causa de tanta risada?

PÂNDARO · Ora! o pêlo branco que Helena descobriu no queixo de Tróilo.

CRESSIDA · Se fosse um pêlo verde, eu também teria rido.

PÂNDARO · Não riram tanto por causa do pêlo como pela resposta espirituosa de Tróilo.

CRESSIDA · Qual foi ela?

PÂNDARO · Ela disse: “Só há cinqüenta e um fios em vosso queixo, e um deles é branco”.

CRESSIDA · Foi isso que ela disse.

PÂNDARO · É certo; não te preocupes com isso. “Cinquenta e um fios”, respondeu ele, “e apenas um branco. Esse pêlo branco é meu pai e os demais são meus filhos”. “Júpiter!” respondeu ela, “qual desses pêlos é Páris, meu marido?” “O de duas aspas”, respondeu ele; “arranca-o e dá-lho de presente”. Isso provocou tanta gargalhada, Helena ficou tão corada, Páris tão zangado, enquanto todos os outros riam, riam sem parar.

CRESSIDA · Agora mudemos de assunto, que já falamos bastante sobre isso.

PÂNDARO · Muito bem, sobrinha. Refleti sobre o que vos disse ontem.

CRESSIDA · É o que estou fazendo.

PÂNDARO · Poderei jurar em como é verdade: ele vai chorar por vossa causa, como se tivesse nascido em abril.

CRESSIDA · E eu vou brotar nas lágrimas dele, como se fosse urtiga de maio.

(Quve-se um toque de retirada.)

PÂNDARO · Escutai! Estão de volta do campo de batalha. Fiquemos aqui mesmo, para vê-los, quando passarem para Ílio. Boa sobrinha, fiquemos; querida sobrinha Cressida.

CRESSIDA · Como quiserdes.

PÂNDARO · Aqui, aqui! Aqui há um excelente lugar. Daqui poderemos vê-los admiravelmente. À medida que forem passando irei dizendo os nomes de cada um; mas prestai principalmente atenção em Tróilo.

CRESSIDA · Não faleis tão alto.

(Enéias atravessa o palco.)

PÂNDARO · Esse é Enéias. Não é um homem valente? É um dos florões de Tróia; posso asseverar-vos. Mas prestai atenção em Tróilo; haveis de vê-lo dentro de momentos.

(Antenor atravessa o palco.)

CRESSIDA · Quem é esse?

PÂNDARO · Antenor, é dotado de espírito inquieto, posso asseverar-vos, e é muito bondoso. É uma das mais firmes cabeças de Tróia e pessoa de muito boa aparência. Quando aparecerá Tróilo? Vou mostrar-vos Tróilo neste momento; se ele me perceber, haveis de ver como vira a cabeça para o meu lado.

CRESSIDA · Ele vai virar a cabeça para o vosso lado?

PÂNDARO · Haveis de ver.

CRESSIDA · Se o fizer, ficará de cabeça virada.

(Heitor atravessa o palco.)

PÂNDARO · Aquele é Heitor. Ali! ali! Olhai aquele ali! Isso é que é homem! Continua o teu caminho, Heitor! Que homem valente, sobrinha. Oh bravo Heitor! Vede que olhar ele tem. E que porte! Não é um homem valente?

CRESSIDA · Oh! um homem valente.

PÂNDARO · Não é verdade? Faz bem ao coração da gente. Vede quantos entalhes há no capacete dele. Olhai para aquele lado. Estais vendo? Não é brincadeira; é toma lá e dá cá, como se diz. E cada entalhe!

CRESSIDA · Foram produzidos por espadas?

PÂNDARO · Espadas? Fosse pelo que fosse; para ele é tudo a mesma coisa. Mesmo que o diabo viesse sobre ele, não teria importância. Pela pálpebra de Deus, isso alegra o coração da gente. Páris vem vindo ali!

(Páris atravessa o palco.)

Olhai para ali, sobrinha; não é também um galante homem? Ah! agora está valente. Quem disse que hoje ele se recolheu ferido? Não, não está ferido. Isso vai fazer bem ao coração de Helena. Se eu pudesse descobrir Tróilo! Haveis de ver Tróilo neste momento.

CRESSIDA · E esse, quem é?

PÂNDARO · É Heleno. Não posso saber onde está Tróilo.

É Heleno. Decerto ele não saiu hoje. É Heleno.

CRESSIDA · Heleno sabe bater-se, tio?

PÂNDARO · Heleno? Não; sim; bate-se mais ou menos. Não sei onde Tróilo possa estar. Mas prestai atenção! Não ouvis como o povo grita “Tróilo!” Heleno é sacerdote.

CRESSIDA · E quem é aquele tipo mofino que vem ali?

(Tróilo atravessa o palco.)

PÂNDARO · Onde? Ali? É Deífobo... é Tróilo! Isso, sim, é que é homem, sobrinha. Hum! Bravo Tróilo! O príncipe da cavalaria.

CRESSIDA · Silêncio! Que vergonha! Silêncio.

PÂNDARO · Observai-o bem; tomai nota. Oh bravo Tróilo! Olhai bem para ele, sobrinha; vede como a espada dele está cheia de sangue e seu capacete com mais entalhes do que o de Heitor... E como ele olha, e como anda... Oh jovem admirável! Ainda não tem vinte e três anos. Continua nesse caminho, Tróilo! Continua

nesse caminho! Se eu tivesse por irmã uma das graças ou por filha uma deusa, ele já teria achado a sua eleita. Oh homem admirável! Páris? Junto de Páris é lodo; e posso assegurar-vos que se Helena pudesse trocar um pelo outro, ainda daria um olho pelo negócio.

CRESSIDA · Aí vêm vindo outros.

PÂNDARO · Asnos, todos eles; moleirões! Palha e restolho, palha e restolho! Sopa depois de carne.

Poderia viver e morrer contemplando Tróilo. Parai de olhar, parai de olhar; as águias já passaram.

Gralhas e corvos, gralhas e corvos! Preferira ser um homem como Tróilo a ser Agamémnone e toda a Grécia.

CRESSIDA · Entre os gregos há Aquiles, que é melhor do que Tróilo.

PÂNDARO · Aquiles? Um carroceiro, um carregador, um verdadeiro camelo.

CRESSIDA · Bem; bem.

PÂNDARO · “Bem, bem?” Como! Não tendes discernimento? Não tendes olhos? Sabeis o que seja um homem? O nascimento, a beleza, a boa aparência, a eloquência, a bravura, a ciência, gentileza, virtude, mocidade, liberalidade e todas as outras qualidades não são elas o sal e o tempero que preparam um homem?

CRESSIDA · Sim, um picadinho de homem, que se pode assar sem gordura no pastel, porque passa bem sem gordura.

PÂNDARO · Sois uma mulher estranha! Nunca se sabe como ireis ficar de guarda.

CRESSIDA · Fico de costas, para defender o ventre; fico com meu espírito, para defender meus desejos; com minha discrição, para defender a honestidade; com minha máscara, para proteger minha beleza, e convosco para defender isso tudo. Fico por trás de todas essas posições e com mil outras guardas.

PÂNDARO · Dizei-me uma de vossas guardas.

CRESSIDA · Não; vou vigiar-vos por isso; eis uma das mais importantes. Se eu não puder proteger

o que não desejo ver tocado, pelo menos poderei acautelar-me para não vos revelar como recebi o golpe, a menos que este venha a ser descoberto pelo próprio inchaço, o que deixa supérfluos os cuidados.

PÂNDARO · Sois mesmo diferente!

(Entra o pajem de Tróilo.)

PAJEM · Senhor, meu amo deseja falar-vos agora mesmo.

PÂNDARO · Onde?

PAJEM · Em vossa própria casa; está se desarmando lá.

PÂNDARO · Bondoso pajem, dize-lhe que já vou.

(Sai o pajem.)

Receio que esteja ferido. Passai bem, bondosa sobrinha.

CRESSIDA · Adeus, tio.

PÂNDARO · Dentro de pouquinho voltarei a procurar-vos, sobrinha.

CRESSIDA · Com quê, meu tio?

PÂNDARO · Ora, com um penhor da parte de Tróilo.

(Sai.)

CRESSIDA ·

Por esse mesmo penhor, não passais de um grande alcoviteiro.

Palavras, votos, lágrimas em messe, por amor de um estranho ele oferece.

Mas muito mais no próprio Tróilo vejo do que Pândaro diga de sobejo.

Porém resistirei. Solicitadas, são anjos as mulheres; mas coitadas depois de ganhas. Fana-se a conquista, perdendo o encanto da primeira vista. Nunca houve amante que, atingida a meta, considerasse a amada mui discreta.

Esta máxima, assim, o amor me ensina: o noivo serve; o cônjuge domina.

Por isso, embora sinta amor sincero, que surja aos olhos consentir não quero.

(Saem.)

Ato I • Cena III

O acampamento grego. Diante da tenda de Agamémnone. Fanfarras. Entram Agamémnone, Nestor, Ulisses, Menelau e outros.

AGAMÉMNONE • Príncipes, que dor vos fez ficar com icterícia? Os projetos grandiosos que a esperança traça enquanto aqui embaixo premedita nunca em todos os pontos se realiza. Sempre nascem derrotas e desastres nas veias das ações mais altanadas, como os nós que se formam da confluência da seiva e deixam doente o alto pinheiro, a estrutura desviando-lhe tortuosa de seu plano normal. Nem menos, príncipes, constitui novidade para todos frustradas vemos tanto as esperanças que, após um cerco de sete anos, Tróia ainda esteja de pé. Todas as guerras das idades passadas de que temos notícia, desde o início das campanhas, padeceram desvios e distúrbios em tudo estranhos ao primeiro plano e à forma ideal que o pensamento havia concebido a princípio. Então, senhores, por que motivo contemplai confusos nossas operações e lhes dais nome de vergonha sem par, quando não passam, porventura, de provas que o alto Júpiter nos impõe, porque possa ter certeza de que os homens, de fato, têm constância? A pureza desse ouro não se mede pelo favor da sorte. Se assim fosse, o valente e o covarde, o sábio e o néscio, o forte e o fraco, o artista e o homem canhestro irmãos pareceriam pelo sangue. Não; é nos furacões e tempestades de seu terrível cenho que, munida do abano próprio, vasto e poderoso, a discriminação, soprando o todo, separa o que é mais leve. O que é dotado de consistência ou peso, por si mesmo fica sem mescla, na riqueza própria.

NESTOR • Com toda a reverência por teu trono divino, incontrastável Agamémnone, desenvolver ora Nestor pretende tuas últimas palavras. Nos embates da sorte é que o homem verdadeiro prova seu consueto valor. Calmo encontrando-se o mar, quantos barquinhos de brinquedo navegar ousam seu paciente seio, rota fazendo igual à dos navios de mais nobre calado!

Mas se Bóreas bulhento enraivecida deixar a meiga Tétis, vede como corta as montanhas, líquidas o barco de rígidas costelas, atirando-se, no jeito do cavalo de Perseu, por entre os dois molhados elementos. Onde ficou o barco petulante de flancos frágeis e desguarnecidos, que a medir-se até há pouco se atrevia com a grandeza sem par? Ou para o porto fugiu, ou foi tragado por Netuno. Desse modo o valor só de aparências e o valor verdadeiro se separam nos furacões da sorte. Pois quando ela brilha irradiante, muito mais incômodos por parte dos tavões o gado sofre do que pela dos tigres. Mas se o vento devastador flexíveis deixa as juntas nodosas dos carvalhos e os mosquitos na sombra abrigo buscam pressurosos, então o ser valente, despertado pela fúria das coisas e com ela simpatizando, com acordes vozes responde ao desafio da fortuna.

ULISSES • Agamémnone, nosso grande chefe, osso e nervo da Grécia, de nós todos o coração, espírito exclusivo, alma de nossa tropa, em quem deviam conter-se os pensamentos e o caráter de todos nós: ouve o que diz Ulisses. Pondo de lado a aprovação e o aplauso que se te devem (*a Agamémnone.*) muito poderoso pelo poder e posto, (*a Nestor.*) e a ti, de todos

venerado por tua longa vida
em vossas orações ora os concentro
que pela mão deviam de Agamémnone
e da Grécia no bronze estar escritas,
bem como pelo velho e venerando
Nestor, lavrado em prata, deveriam
com o liame de seu hálito, tão firme
como o eixo em torno do qual o céu passeia,
prender em sua língua exp'imentada
os ouvidos da Grécia... No entanto,
consenti ambos. O potente e o sábio,
em escutar Ulisses.

AGAMÉMNONE · Fala, príncipe
de Ítaca; não tememos que matéria
fútil ou assunto de somenos peso
possam fazer-te descerrar os lábios,
como certeza temos de que nunca
da queixada maciça de Tersites
saia sabedoria, orac'lo ou música.

ULISSES · Tróia, ainda firme, há muito já teria
caído e o gládio do valente Heitor
sem dono já se achara, se não fossem
os seguintes motivos:

desprezadas têm sido ultimamente
as regras do comando. Vede: quantas
tendas aquivas se inflam na planície,
tantas facções discordes também se inflam.

Quando colmeia não parece o todo,
aonde os forrageadores logo voltem,
que mel pode esperar-se? A jerarquia
embuçada se achando, os seres íntimos
com máscara aparecem mui vistosos;
os próprios céus, os astros e seu centro
revelam propriedade, grau e postos,
hora, estação, parada, curso e forma,
hábito e ofício em modelar seqüência.
Por isso tudo o sol, planeta excelso,
em nobre preeminência o trono ostenta
em sua esfera própria, entre outros astros;
seu olho salutar corrige os males
que as estrelas nocivas ocasionam,
e como editos reais, sem contradita
promove bens e males. Porém, quando
em nociva mistura os astros andam,
desordenadamente, que de pragas,
portentos, que desordens, terremotos,
que agitações dos ventos e das ondas

transmutações, catástrofes, horrores,
fendem, abalam, desarreigam, tiram,
quase, dos próprios gonzos a unidade
e a calma consorciada dos Estados!
Quando abalada fica a jerarquia,
que é a própria escada para os altos planos,
periclita a obra toda. Como podem
ter estabilidade duradoura
os degraus das escolas, os Estados,
os membros das corporações, o tráfico
pacífico entre praias afastadas,
os direitos do berço e nascimento,
de primogenitura, os privilégios
da idade, louros, cetros e coroas,
se a desfazer-se viesse a jerarquia?
Tirai a jerarquia; dissonante
deixai só essa corda, e vede a grande
discórdia que se segue! As coisas todas
cairão logo em conflito; as fortes ondas,
contidas até então em seus limites,
o seio elevarão além das praias,
a papa reduzindo a terra firme;
sobre a fraqueza dominara a força;
o rude filho ao pai tirara a vida;
fora o direito a força; o justo e o injusto —
cuja tensão contínua equilibrada
sempre é pela justiça — acabariam
perdendo o nome, como também esta.
Todas as coisas no poder se abrigam;
o poder, na vontade, que se abriga,
por sua vez, na cobiça. Ora, a cobiça,
esse lobo de todos, tendo o apoio
redobrado da força e da vontade,
transforma logo em presa o mundo todo,
para a si mesmo devorar por último.
Grande Agamémnone,
sufocada que seja a jerarquia,
segue-se o caos ao seu abafamento.
Esse desprezo aos graus é que ocasiona
retrocedermos, até mesmo quando
tentamos a escalada. Desprezado
é o general pelo que abaixo dele
se acha um degrau apenas; este, pelo
que se lhe segue; este último, pelo outro
mais de baixo. Os degraus, dessa maneira,
tomando como exemplo o que primeiro
para o seu superior mostrou desprezo,

de uma invejosa febre se revelam dominados, do ciúme exangue e pálido. Tróia só está de pé por essa febre, não porque tenha nervos. Em resumo, para encurtar razões: se Tróia é forte, nossa fraqueza tem como suporte.

NESTOR · Mui sabiamente revelou Ulisses a febre de que sofre nossa força.

AGAMÉMNONE · Uma vez descoberta a natureza da doença, Ulisses, qual será o remédio?

ULISSES · O grande Aquiles, no geral conceito considerado como o nervo e a frente de nossas tropas, tendo ora as orelhas entupidas de sua fama aérea, pôs-se a perder pelo seu próprio mérito e em sua tenda ri de nossos planos.

No leito ocioso o dia todo Pátroclo ao lado dele fica, improvisando pilhérias de mau gosto, a que dá o nome — caluniador! — de imitação, paródia fazendo de nós todos. Poderoso Agamémnone, às vezes ele imita teu altíssimo posto;

e como ator empavonado, cuja fama consiste apenas nas passadas, e que julga de efeito inimitável ouvir o som do diálogo lenhoso entre as batidas de seus pés e o palco, por modo exagerado e lamentável representa ele a tua majestade.

Parece um carrilhão desarranjado toda a sua eloquência, com palavras grosseiras que na boca rugidora de Tifão passariam por hipóboles.

À vista do cediço farelório, o espadaúdo Aquiles, alargando-se no leito amarfanhado, do profundo peito aplausos arranca barulhentos, por entre gargalhadas. “Excelente!” diz ele, rebolando-se; “é Agamémnone tal qual! Agora quero que me façam o papel de Nestor; cofia a barba, faz “Hem!” tal como ele, quando se alça para falar em nossas assembléias”; o que é feito, de fato, aproximando-se a imitação da coisa verdadeira como as pontas de duas paralelas

ou Vulcano da esposa. A isso grita de novo o bom Aquiles: “Excelente! É ele mesmo! É Nestor! Agora, Pátroclo, mostra-me como as armas ele enverga, quando há alarma noturno”. E então é força que os achaques só próprios da velhice sirvam de assunto para a zombaria: a tossir e a cuspir começa Pátroclo e a mexer no gorjal com a mão trêmula, que ele apenas e desata. A esse espetáculo morre o senhor Valor e grita: “Pára, Pátroclo! Pára! Ou então me dá costelas de aço. Caso contrário, vais partir-me, de tanto rir, o baço!” Desse modo, nossos talentos, nossas qualidades, a natureza, o aspecto, os próprios méritos particulares ou gerais, os planos, ordens, realizações, traças secretas, estímulos nos campos de batalha, discursos para a paz, vitórias, perdas, o que é e o que não é, tudo se presta para engrossar a chocarrice deles.

NESTOR ·

O exemplo desses dois — que, como Ulisses bem observou, a opinião coroa com seu voto imperial — já muitos outros deixou contaminados. Egoísta tornou-se Ajaz e traz sempre a cabeça tão empinada, em tão altivo ponto como o insolente Aquiles. Tal como este não sai da tenda; festas facciosas tem promovido; críticas externas sobre o comando, tão ousadamente como veraz oráculo, e provoca Tersites — um escravo cuja bile cunha apenas calúnias — a nós todos equiparar à lama de seus ditos, arriscando, desta arte, a enfraquecer-nos e desacreditar nossa campanha, apesar dos perigos que nos cercam.

ULISSES · Censuram nossa direção e o nome lhe dão de cobardia. A astúcia é tida por eles como estranha à arte da guerra; o valor da presciência subestimam, considerando como de importância somente a ação do braço. Os elementos silenciosos do espírito, que o número

dispõem dos braços que lutar precisam
na ocasião conveniente e que conhecem
pelo grau do trabalho vigilante
o peso do inimigo, ao juízo deles
carecem do valor de um simples dedo.
Manobras no papel, dizem, do quarto,
guerra de gabinete. Assim, o aríete
que derruba a muralha pelos grandes
embates e a rudeza de seu peso,
para eles é de muito mais valia
do que a mão que construiu o engenho bélico,
ou os indivíduos de alma delicada
que, segundo a razão, se servem dele.

NESTOR · Se a premissa aceitarmos, o cavalo
de Aquiles só por si vale por muitos
filhos de Tétis.

(*Toque de trombeta.*)

AGAMÉMNONE · Toque de trombeta?

Vê o que há, Menelau.

MENELAU · Alguém de Tróia.

(*Entra Enéias.*)

AGAMÉMNONE ·

Que procurais diante de nossa tenda?

ENÉIAS · Por favor, esta é a tenda de Agamémnone?

AGAMÉMNONE · Perfeitamente.

ENÉIAS · Poderá um príncipe
e arauto ao mesmo tempo, aos seus ouvidos
régios dizer uma mensagem bela?

AGAMÉMNONE ·

Com maior segurança do que o braço
forte de Aquiles, ante os chefes gregos,
que, de uma voz unânime, a Agamémnone
seu comandante e general proclamam.

ENÉIAS · Ótima permissão e grande abono.
Mas como poderá um estrangeiro
reconhecer sua mirada excelsa
entre os demais mortais?

AGAMÉMNONE · Como?

ENÉIAS · Pergunto
por que possa espertar a reverência
e às faces ordenar que se colorem
de um róseo tão modesto como a própria
manhã, quando contempla friamente
o adolescente Febo.

Onde está esse deus em exercício,
esse guia de heróis? Quem é o grande
Agamémnone, o todo-poderoso?

AGAMÉMNONE · Zomba de nós esse troiano, salvo
se forem cortesãos cerimoniosos
todos os seus patrícios.

ENÉIAS · Sim, sem armas
são cortesãos tão livres e graciosos
como anjos inclinados. Essa é a fama
deles durante a paz. Como guerreiros,
porém, revelam bile, braços fortes,
juntas possantes, gládios verdadeiros
e, com Jove ao seu lado, incontrastável
e altivo coração. Mas, basta, Enéias!
Basta, troiano! O dedo põe nos lábios;
desmerece o louvor, fica vazio,
quando o autor é o objeto do elogio.
Mas quando o imigo a contragosto exalta,
por tudo espalha a fama com voz alta.

AGAMÉMNONE ·

Senhor troiano, vosso nome é Enéias?

ENÉIAS · Sim, grego; assim me chamo.

AGAMÉMNONE ·

Por obséquio: que assunto aqui vos trouxe?

ENÉIAS · Perdão, senhor; mas quanto eu dizer possa
destina-se aos ouvidos de Agamémnone.

AGAMÉMNONE ·

Não costuma ele ouvir à parte quanto
nos possa vir de Tróia.

ENÉIAS · Nem de Tróia
saí para dizer-lhe algum segredo.

Uma trombeta eu trouxe para as ouças
despertar-lhe, a atenção deixar-lhe viva
e, assim, poder falar-lhe.

AGAMÉMNONE · Pois tão livre
quanto os ventos expressa-te. Agamémnone
neste momento não está dormindo.

Verás, troiano, que ele está desperto;
quem te fala é ele próprio.

ENÉIAS · Então, trombeta,
soa com força. Tua voz aérea
manda por estas tendas indolentes.

Que todo grego de coragem saiba:
bem alto espalha Tróia seus intentos.

(*Toque de trombeta.*)

Temos, grande Agamémnone, aqui em Tróia
um príncipe chamado Heitor — e Príamo
o pai dele — que nestas tréguas longas
e insípidas, se está enferrujando.
Ordenou-me apanhar uma trombeta

para dizer-vos: reis, senhores, príncipes,
se houver entre os guerreiros da alta Grécia
quem mais do que o repouso a glória preze,
que mais afã revele de louvores
do que medo de golpes, me conheça
sua ousadia e desconheça o medo,
que amor à amada vote não somente
por meio de palavras e com juras
indolentes nos lábios adorados
e se atreva a provar o valor dela
sua beleza, em braços mais possantes...
a ele este desafio: Heitor, à vista
de troianos e gregos, determina-se
a provar, ou fazer para isso tudo,
que uma dama ele tem mais verdadeira,
sábua e formosa, como nunca um grego
nos braços apertou. Amanhã cedo,
a igual distância pondo-se dos muros
de Tróia e vossas tendas, vai desperto
deixar ele com toques de trombeta
o grego mais sincero e apaixonado.
Se alguém se apresentar, será por ele
condignamente honrado; em caso oposto,
a Tróia retornado, fará público
que as damas gregas têm a pele escura
pelos raios do sol e não são dignas
de partir-se por elas uma lança.
É tudo.

AGAMÉMNONE · Transmitido vai ser o que dissestes,
senhor Enéias, aos amantes gregos;
e se nenhum se revelar com brios,
é que em casa ficaram todos eles.
Mas somos combatentes; declarado
seja, portanto, fraco e sem valor
quem disser que não tem nem teve amor.
Caso haja algum amante, a Heitor se oponha;
se não, apago eu mesmo essa vergonha.
NESTOR · Fala-lhe de Nestor, que era homem feito,
quando mamava o avô de Heitor ainda.
Agora já está velho; mas no caso
de não haver em nossas hostes gregas
nenhum nobre que tenha uma fagulha
de brio para em campo apresentar-se
em defesa da amada, no meu nome
lhe diz que em viseira de ouro a barba
de prata esconderei, porei os músculos
ressequidos em minha braçadeira

e, indo ao encontro dele, vou provar-lhe
que minha amada foi muito mais bela
do que a avó dele e casta mais que todas
as mulheres do mundo. Essa verdade
provarei na corrente de seu sangue
com as gotas que no corpo tenho exangue.
ENÉIAS · Não queira o céu tamanha escassez de
homens!

ULISSES · Amém.

AGAMÉMNONE · Caro senhor Enéias, permiti-me
que vos aperte a mão. Vou conduzir-vos
primeiro a nossa tenda. O desafio
a Aquiles vai ser logo transmitido;
pelos outros será depois ouvido.
Vamos entrar; tereis o gasalhado
que nos merece o imigo mui prezado.

(Saem todos, com exceção de Ulisses e Nestor.)

ULISSES · Nestor!

NESTOR · Que diz Ulisses?

ULISSES · Tenho uma idéia nova aqui no cérebro.
Sede meu tempo, para dar-lhe forma.

NESTOR · Qual é?

ULISSES · É a seguinte:
as cunhas toscas racham nós possantes.
A semente de orgulho que de todo
ficou madura no viçoso Aquiles
precisa ser cortada desde logo;
se não propagará nocivos germes,
que a todos nós acabará matando.

NESTOR · Sem dúvida; mas como?

ULISSES · O desafio
do valoroso Heitor, embora enviado
para nós todos, visa, em realidade,
unicamente a Aquiles.

NESTOR · Tão patente
é essa intenção, como o total de conta
que se resume em poucos algarismos.
Uma vez anunciado, ficai certo,
Aquiles, ainda que tivesse o cérebro
estéril como os areais da Líbia —
e quanto eles são secos sabe-o Apolo —
há de notar com rápido juízo,
sim, com celebridade, que a proposta
de Heitor a ele somente diz respeito.

ULISSES · E acreditais que possa levantar-se
para dar-lhe resposta?

NESTOR · É quase certo.

Quem, a não ser Aquiles, poderíeis opor a Heitor, capaz de alcançar glória num combate com ele? É certo: trata-se de uma justa cortês; mas esse duelo importa muito no geral conceito, pois os troianos nisto provar querem nossa reputação mais extremada, com seu firme padar. E, Ulisses, crede-me, bem sopesada vai ser nossa fama neste combate absurdo. O resultado, conquanto individual, dará uma amostra favorável ou não de nossa gente. Nesses pequenos índices — a súmula dos subseqüentes tomos — encontramos a imagem delicada em finos traços das coisas gigantescas do futuro. Hão de admitir que foi por nós eleito o adversário de Heitor, e que essa escolha sendo, como é, resolução unânime de todos nós, somente atende ao mérito e, por assim dizer, faz que referva de nossos votos um guerreiro estreme, destilado de nossas qualidades. Se ele vier a perder, como não há de aumentar a coragem do adversário, retemperando a fé nas próprias forças! Para um conceito assim os braços servem de instrumentos tão dóceis como os gládios e os arcos, quando os braços os dirigem.

ULISSES · Desculpai meu discurso: mas por isso mesmo não será bom que saia Aquiles a combater Heitor. Seguindo o exemplo dos mercadores, só mostremos nossos artigos ordinários, na esperança de que sejam comprados. Se o não forem, o brilho dos melhores que ainda temos para mostrar será de grande efeito.

Não consintais que Heitor e Aquiles lutem, pois nesse caso, para nosso opróbrio, nossa honra se veria perseguida por dois nocivos cães.

NESTOR · Não chego a vê-los com meus olhos cansados. Quais são eles?

ULISSES · Se não fosse orgulhoso o nosso Aquiles, a glória que de Heitor ele ganhasse também seria nossa. Mas revela-se por demais insolente. Melhor fora da África suportar o sol que o amargo desprezo de seus olhos orgulhosos. Se ficasse vencido, assistiríamos à ruína da fama de nós todos no opróbrio do melhor. Não; tirai sorte mas arranjai as coisas de maneira que esse labrusco Ajaz seja o indicado para medir-se com Heitor. Digamos-lhe, também, que ele é o mais forte de nós todos, o que há de contribuir para que o grande Mirmídone se cure do delírio dos aplausos ruidosos e o penacho do elmo deixe caído, que se arqueia com mais brilho do que íris azulada. Se vencer esse Ajaz turrão e estúpido, não lhe regatearemos elogios; vindo a cair, a fama manteremos de ainda termos alguém melhor do que ele. Mas dê certo ou não dê, nosso projeto esta vantagem tem: a mão de Ajaz, para roubar a Aquiles, é eficaz.

NESTOR · Ulisses, começo a achar bom gosto em teu conselho e vou dá-lo a provar logo a Agamémnone. Vamos já procurá-lo e expor-lhe o plano. Um rafeiro doma o outro; serve o orgulho de osso, para deter os cães no entulho.

(Saem.)

Ato II · Cena I

Parte do acampamento grego. Entram Ajaz e Tersites.

AJAZ · Tersites!

TERSITES · Agamémnone?... E se ele tivesse tumores bem cheios em todo o corpo?

AJAZ · Tersites!

TERSITES · E os tumores se abrissem, não se abriria também o general? Não ficaria que nem um postema só?

AJAZ · Cão!

TERSITES · Assim, sairia dele alguma coisa; sim, porque até agora não vi sair nada.

AJAZ · Filho de uma loba, não sabes ouvir? Então sente.

(Bate-lhe.)

TERSITES · Que a peste grega se apodere de ti, senhor bastardo com espírito de bife.

AJAZ · Então fala, fermento embolorado! Fala! Vou deixar-te amável com pancada.

TERSITES · Antes disso eu te deixaria inteligente e piedoso com minhas invectivas. Mas penso que teu cavalo aprenderá um discurso antes de aprenderes de cor uma oração. Sabes bater, não é verdade? Que a morrinha caia em teu espírito de cavalo.

AJAZ · Cogumelo, dize-me qual era o conteúdo da proclamação.

TERSITES · Pensas que eu não tenho sentimento, para me bateres desse modo?

AJAZ · A proclamação!

TERSITES · Foste proclamado louco, creio.

AJAZ · Toma cuidado, porco-espinho; toma cuidado! Estou sentindo comichão nos dedos.

TERSITES · Só quisera que ficasses com comichão no corpo todo, da cabeça aos pés, e que eu fosse incumbido de raspar-te; faria de ti a mais repugnante sarda da Grécia. Quando estás nas campanhas, és tão vagaroso para bater, como qualquer outro.

AJAZ · Estou dizendo: a proclamação!

TERSITES · Estás sempre a resmungar e a falar mal de Aquiles, e tens tanta inveja de sua grandeza como Cérbero da beleza de Prosérpina. Sim, vives a ladrar atrás dele.

AJAZ · Comadre Tersites!

TERSITES · Nele é que devias bater.

AJAZ · Massa de torta!

TERSITES · Ele te reduziria a farinha, apertando-te nos dedos, como os marinheiros fazem com biscoitos.

AJAZ · Cachorro sem raça!

(Bate-lhe.)

TERSITES · Continua! Continua!

AJAZ · Tamborete de bruxa!

TERSITES · Sim, continua, continua, cabeça de pau!

Tens tanto cérebro na cabeça, como eu tenho nos cotovelos; um asno poderia servir-te de tutor. Burro valente e desprezível! Só serves aqui, para triturar os troianos; entre as pessoas de algum espírito, és comprado e vendido como um escravo bárbaro. Se começares a bater em mim, vou grudar-me em teus calcanhares e dizer o que és, polegada por polegada, sujeito sem entranhas!

AJAZ · Cão!

TERSITES · Senhor sarnento!

AJAZ · Cão!

(Bate-lhe.)

TERSITES · Marte idiota! Bate mais, rudeza! Bate mais, camelo! Bate mais!

(Entram Aquiles e Pátroclo.)

AQUILES · Então, Ajaz! Por que lhe bates tanto?

Então, Tersites! Que acontece, amigo?

TERSITES · Estai-lo vendo ali, não é verdade?

AQUILES · Certo. Que foi que houve?

TERSITES · Olhai para ele.

AQUILES · É o que estou fazendo. Que foi que houve?

TERSITES · Não; olhai bem para ele.

AQUILES · “Bem”, é o que estou fazendo.

TERSITES · Não estais olhando bem para ele; tomai-o por quem quiserdes, mas é Ajaz.

AQUILES · Ora, isso eu já sabia, imbecil.

TERSITES · Sim, mas esse imbecil não se conhece.

AJAZ · Por isso é que te bato.

TERSITES · Ah, ah, ah! Que porção mínima de espírito ele manifesta! Suas escapatórias têm orelhas longas. Sacudi-lhe o cérebro com mais força do que ele me bateu nos ossos. Posso comprar nove pardais

por um vintém; pois bem: a pia-máter dele não vale a nona parte de um pardal. Este senhor, Aquiles — Ajaz — que traz o espírito no ventre e os intestinos na cabeça, vou dizer-vos o que penso dele.

AQUILES · Que é?

TERSITES · Digo que este Ajaz...

(Ajaz faz menção de bater-lbe.)

AQUILES · Não, bom Ajaz.

TERSITES · ...não tem espírito...

AQUILES · Não; precisarei segurar-vos.

TERSITES · ...nem para encher o buraco da agulha de Helena, por quem ele veio combater.

AQUILES · Fica quieto, louco.

TERSITES · Quisera ficar quieto e sossegado, mas esse louco não o permite. Aquele ali, não o estais vendo?

AJAZ · Oh cão maldito! Vou te...

AQUILES · Quereis estragar vosso espírito com o de um louco?

TERSITES · Não; posso garantir-vos, porque o do louco deixaria envergonhado o dele.

PÁTROCLO · Sede comedido nas vossas expressões, Tersites.

AQUILES · Por que foi essa briga?

AJAZ · Pedi a essa coruja estúpida que me revelasse o teor da proclamação, tendo ele começado a insultar-me.

TERSITES · Não sou teu criado.

AJAZ · Isso mesmo, isso mesmo.

TERSITES · Sirvo aqui voluntariamente.

AQUILES · Vosso último serviço redundou em sofrimento; logo, não foi voluntário. Ninguém apanha voluntariamente. O voluntário, neste caso, era Ajaz; e vós o recrutado à força.

TERSITES · Justamente. Vós também tendes nos tendões a maior parte do espírito, se é que todo o mundo não mente. Heitor fará uma boa presa, se fender a cabeça de qualquer um de vós: seria o

mesmo que quebrar uma noz bichada e sem miolo.

AQUILES · Como! Como! Contra mim também, Tersites?

TERSITES · Aí estão Ulisses e o velho Nestor, cujo espírito já estava embolorado antes de vossos avós terem unha nos dedos dos pés, Ulisses e Nestor que vos trazem na canga como boi, e vos obrigam a lavar a guerra.

AQUILES · Como? Como?

TERSITES · É isso mesmo. Avança, Aquiles! Avança, Ajaz!

AJAZ · Arranco-te essa língua.

TERSITES · Não importa; depois disso continuaria a falar tão bem quanto tu.

PÁTROCLO · Basta de discursos, Tersites. Fica quieto.

TERSITES · Só ficarei quieto, quando a galga de Aquiles me der essa ordem. Não está bem?

AQUILES · Foi o que lucrastes, Pátroclo.

TERSITES · Ainda hei de ver a todos vós enforcados como uns estúpidos, antes de voltar a pisar em vossas tendas. Vou instalar-me onde o espírito dá sinal de vida; retiro-me da facção dos imbecis.

(Sai.)

PÁTROCLO · E não é sem tempo.

AQUILES · Proclamaram, senhor, por todo o exército o seguinte: que Heitor, pelas cinco horas do sol há de chamar amanhã cedo com toques de trombeta, entre as barracas e Tróia, algum guerreiro de coragem.

Quem quer que se decida pelo invite...

Não sei como dizer... É palha. Adeus.

AJAZ · Adeus. E quem aceitará o repto?

AQUILES · Não sei; vão tirar sorte: não fora isso, conhecera seu homém.

AJAZ · A vós mesmo é que vos referis. Vou informar-me.

(Saem.)

muitos hábeis entre as costas perigosas da vontade e do juízo. Poderia, sendo assim, desprezar minha consorte, se a vontade viesse a revoltar-se contra o que ela escolhera? Escapatória não pode haver no caso; é questão de honra. Ao mercador a seda não enviamos de volta, após a termos estragado, como os restos da mesa não jogamos no esgoto indiferente, por havermos comido à saciedade. Fomos todos de parecer que Páris deveria praticar qualquer ato de vingança com relação aos gregos; enfundadas as suas asas foram pelo unânime sopro de todos vós. O mar e os ventos — velhos disputadores — se acalmaram por algum tempo, só para servi-lo, tendo-o levado ao porto desejado. Por uma tia velha que cativa os gregos conservavam, ele trouxe-nos uma Rainha grega, cuja fresca mocidade enrugado deixa Apolo e sediça a manhã. Por que a guardamos? Os gregos ainda guardam nossa tia. Vale ela esse trabalho? Ora, uma pérola é Helena, que esquipou mais de mil barcos e em mercados mudou reis coroados. Se confessais que Páris andou certo — como não podereis negar agora, porque todos gritáveis: “Parte! Parte!” — se concordais que presa muito nobre trouxe ele de tornada — como é força que o façais, porque todos o aplaudistes e “Inestimável!” a uma voz dissestes — por que motivo censurais agora a conclusão de vossa própria idéia, fazendo o que jamais fez a fortuna com declarardes como sem valia o que estimáveis como de mais preço do que os mares e a terra? Oh fruto estólido! Haver roubado o de que temos medo de conservar! Ladrões em tudo indignos da coisa arrebatada! Após na Grécia termos tão grande afronta cometido, levantamos em Tróia este alarido.

CASSANDRA · (*dentro*)

Chorai, teucros! Chorai!

PRÍAMO · Que ruído é esse?
Quem grita desse modo?

TRÓILO · A voz conheço:
é nossa irmã demente.

CASSANDRA (*dentro*) · Chorai, teucros!

HEITOR · É Cassandra.

(*Entra Cassandra, descabelada.*)

CASSANDRA ·

Chorai, teucros! Chorai! Vinte mil olhos emprestai-me; de lágrimas proféticas enchei eles todos.

HEITOR · Calma, irmã!

CASSANDRA ·

Virgens, crianças, homens feitos, velhos cheios de rugas, inocente infância que só sabeis chorar, vinde ajudar-me nos meus clamores! Vamos ante tempo pagar uma porção da massa enorme dos gemidos futuros. Chorai, teucros! Exercitai com lágrimas os olhos.

Tróia não tem de subsistir; a esplêndida Ílio ruirá por terra. A todos nós abrasa Páris, nosso irmão-tocha. Chorai, teucros! Gritai comigo: “Helena, que desgraça!” Mandai-a embora, porque achemos graça.

(*Sai.*)

HEITOR · Que dizeis, jovem Tróilo: este alto canto divinatório desta nossa mana não vos desperta uns longes de remorso? Ou o sangue tendes quente até a loucura, porque a linguagem da razão e o medo do ruim sucesso de uma causa ingrata acalmá-lo consiga?

TRÓILO · Não devemos, mano Heitor, discorrer sobre a justiça de qualquer ato, tendo só por base tais e tais conseqüências, nem podemos admitir que a coragem nos faleça porque Cassandra é louca. Seus delírios estragar a bondade não conseguem de uma causa que a honra de nós todos concorre para proclamar sagrada. Quanto a mim, não me toca mais de perto semelhante pendência do que aos outros descendentes de Príamo. Não queira

Júpiter que a fazer venhamos algo
para cuja defesa precisemos
ofender o mais leve sentimento.

PÁRIS · Caso contrário, o mundo poderia
tachar de leviandade assim meus feitos
como vossos conselhos. Pelos deuses!

Foram vossos aplausos que asas deram
à minha propensão, cortando cerce
qualquer receio do projeto ousado.

Pois só por si, meu braço que faria?

Que resistência pode haver num homem,
conquanto valoroso, para o embate
sustentar e o furor de todos quantos
a luta despertou? No entanto, juro

que se eu tivesse de enfrentar sozinho

todos esses perigos e tivesse

força de âmbito igual ao da vontade,

jamais voltara Páris do propósito

nem relaxara, após ter principiado.

PRÍAMO · Páris, falais de todo transportado

pela doce ventura que vos coube.

Tendes o mel; o fel tocou aos outros.

Não é, pois, meritória essa coragem.

PÁRIS · Senhor, não penso apenas na ventura

que tal beleza traz consigo mesma.

Mas apagar eu desejara a mancha

desse formoso rapto, conservando-o

por modo honrado e digno. Fora grande

traição para a Rainha que trouxemos,

diminuição de vosso grande mérito,

vergonha para mim, se a restituíssemos

em termos de constrangimento baixo.

Pode-se conceber que um sentimento

tão corrupto como esse tenha achado

guarida em vosso peito generoso?

Entre os nossos não há tão fraco espírito

que coragem não tenha para a luta,

nem deixe de brandir ousado a espada

em defesa de Helena, nem, tampouco,

nobre algum, cuja vida não se torne

mal empregada, ou a morte difamada,

quando Helena está em jogo. Assim, vos digo,

lutar devemos em defesa dela,

pois, como bem sabeis, em todo o mundo

seu tipo feminino não tem segundo.

HEITOR · Páris e Tróilo, fostes eloqüentes

e, na causa e questão ora em debate,

glosastes bem, porém mui pela rama.

Pareceis esses moços que o Aristóteles

proclamava incapazes de aprender

moral filosofia. Os argumentos

que aduzis servem mais para atear

as ardentes paixões do sangue inquieto

do que para assentar com liberdade

a distinção entre o que é justo e o injusto.

O prazer e a vingança têm ouvidos

mais moços do que as serpes, para as vozes

de uma sã decisão. A natureza

sempre exige que todos os direitos

sejam restituídos a seus donos.

Ora, haver pode em toda a humanidade

alguma posse mais justificada

que a do marido em relação à esposa?

Quando a lei natural vem a estragar-se

pelas paixões, e quando grandes cérebros

por parcial indulgência a seus pendoros

entorpecidos alçam-se contra ela,

em todas as nações bem constituídas

há uma lei que a pôr cobro nos obriga

nos apetites desenfreados, sempre

que rebeldes se mostram, refractários.

Se Helena é esposa, assim, do Rei de Esparta,

como é notório, as leis morais dos povos

e da natura em altas vozes gritam

que deve ser entregue. A persistência

no mal não o atenua, agrava-o sempre.

Essa é a opinião de Heitor, segundo a via

direita da verdade. Não obstante,

meus alegres irmãos, propenso me acho,

como vós outros, a guardar Helena,

pois essa causa tem bastante peso

na honra de todos e de nossa pátria.

TRÓILO · Sim, no âmagu tocastes do propósito

que nos anima. Se não fosse a glória

nosso objetivo, mas o cumprimento

de paixões exaltadas, não quisera

que uma só gota de troiano sangue

viesses a perder-se na defesa dela.

Mas, digno Heitor, ela é para nós todos

objeto de honra, causa de renome,

estímulo de feitos valorosos.

Sua presença a todos dá coragem

bastante para dominar o inimigo

e entre os seres mais altos alistar-nos.

O bravo Heitor, tenho certeza disso,
nem por toda a riqueza do universo
quereria perder o rico prêmio
da glória prometida que na frente
sorri desta campanha.

HEITOR · Sou dos vossos,
valentes filhos do grandioso Príamo.

Joguei um barulhento desafio
no meio dos ociosos e rixentos
nobres da Grécia, que, é certeza, o espanto
vai lançar-lhes no espírito embotado.
Soube que o grande chefe deles dorme
e que no exército a discórdia é enorme.
Espero despertá-lo.

(*Saem.*)

Ato II · Cena III

*O acampamento grego, diante da tenda de Aquiles.
Entra Tersites.*

TERSITES · Então, Tersites? Perdido no labirinto de tua fúria? Será que o elefante Ajaz sairá vitorioso disso? Ele me bate e eu o insulto. Bela satisfação. Desejaria que fosse o inverso: que eu batesse nele e ele me insultasse. Pelo pé de Deus, vou aprender a conjurar e a evocar demônios, contanto que possa ver o resultado das execrações do meu ódio. Depois, aí está esse Aquiles, verdadeira máquina de guerra. Se Tróia não for tomada antes de minarem esses dois, suas muralhas ficarão de pé até que venham a cair por si. Oh tu, grande lançador de raios do Olimpo, esquece-te de que és Jove, Rei dos deuses, e tu, Mercúrio, perde toda a astúcia serpentina de teu caduceu, se não puderdes tirar a esses homens a pequena, a pouco menos do que mínima parte de espírito que revelam. A própria ignorância de braços curtos sabe que é tão abundantemente escasso o espírito deles dois, que não dispõe de outro expediente para libertar uma mosca de uma aranha, a não ser o de sacar o ferro maciço e, com ele, arrebentar a teia. Depois, que caia no acampamento a desgraça, ou melhor, a dor de ossos napolitana, que me parece ser o flagelo próprio dos que lutam por causa de uma saia de baixo. Pronto, já disse a minha oração; cabe agora ao demônio Inveja dizer amém. Olá, senhor Aquiles!

(*Entra Pátroclo.*)

PÁTROCLO · Quem está aí? Tersites! Entra, bom Tersites; entra e profere insultos.

TERSITES · Se eu tivesse pensado em uma moeda falsa, não terias escapado à minha consideração. Mas pouco importa. Tu próprio sobre ti mesmo. Que as

duas maldições comuns da humanidade, a loucura e a ignorância, se tornem teu grande apanágio. Que o céu te preserve de um conselheiro e que jamais a disciplina se aproxime de ti. Que o teu sangue te sirva de guia até morreres, e se a mulher que te puser na mortalha disser que deste um bonito cadáver, quero jurar e voltar a jurar que ela, em toda a vida, só cuidou do sepultamento de lazarentos. Amém. Onde está Aquiles?

PÁTROCLO · Como! Ficaste devoto? Estavas rezando?

TERSITES · Estava; os céus que me ouçam.

(*Entra Aquiles.*)

AQUILES · Quem está aí?

PÁTROCLO · Tersites, senhor.

AQUILES · Onde? Onde? Estás aí? Então, meu queijo, minha digestão, por que tens faltado a tantas refeições à minha mesa? Dize-me: que é Agamémnone?

TERSITES · Teu comandante, Aquiles. Agora, Pátroclo, dize-me: que é Aquiles?

PÁTROCLO · Teu senhor, Tersites. Agora dize-me, por favor: e tu, que és?

TERSITES · Teu conhecedor, Pátroclo. Agora dize-me, Pátroclo: e tu, que és?

PÁTROCLO · Tu, que me conheces, poderás dizê-lo.

AQUILES · Ah! dize! dize!

TERSITES · Vou recapitular: Agamémnone manda em Aquiles, Aquiles é meu senhor, eu sou conhecedor de Pátroclo, e Pátroclo não passa de um tolo.

PÁTROCLO · Idiota!

TERSITES · Silêncio, tolo! Ainda não terminei.

AQUILES · Ele goza de privilégios. Continua, Tersites.

TERSITES · Agamémnone é tolo; Aquiles é tolo; Tersites é tolo, e, como já ficou dito, Pátroclo é tolo.

AQUILES · Esclarece-nos isso, vamos!

TERSITES · Agamémnone é tolo, por querer comandar Aquiles; Aquiles é tolo, por deixar se comandar por Agamémnone; Tersites é tolo, por servir a um tolo dessa espécie, e Pátroclo é um tolo de fato.

PÁTROCLO · E por que sou tolo?

TERSITES · Dirige essa pergunta ao Criador, que, para mim, basta que o sejas. Vede quem vem vindo aí!

AQUILES · Pátroclo, não desejo falar com ninguém. Vem comigo, Tersites.

(*Sai.*)

TERSITES · Quanta palhaçada! quanta falsidade! quanta velhacaria! E a causa de tudo isso, um cornudo e uma prostituta. Bonita querela, para suscitar partidos contenciosos e sangrá-los até a morte. Caia a impigem seca na cara dos causadores disto, e que a luxúria e a guerra confundam a todos.

(*Sai.*)

(*Entram Agamémnone, Ulisses, Nestor, Diomedes e Ajaz.*)

AGAMÉMNONE · Onde está Aquiles?

PÁTROCLO · Na tenda, meu senhor; mas indisposto.

AGAMÉMNONE ·

Ide comunicar-lhe que aqui estamos.

Ele menosprezou nossos arautos.

Pondo de lado nossa dignidade,

aqui nos encontramos. Avisai-o

do que se passa, pois talvez presuma

que não nos atrevemos a lembrar-lhe

nosso posto ou ignoramos o que somos.

PÁTROCLO · Vou dizer-lhe isso.

(*Sai.*)

ULISSES · Vi-o junto à porta de sua tenda; não está doente.

AJAZ · Está, sim; está com a doença do leão: sofre de orgulho. Podeis chamar isso de melancolia, se tiverdes interesse em desculpar o homem; mas, por minha cabeça, é orgulho simplesmente. E por quê? Por quê? Ele que nos aponte o motivo. Senhor, uma palavra.

(*Fala à parte com Agamémnone.*)

NESTOR ·

Que será que leva Ajaz a ladrar desse modo

contra Aquiles?

ULISSES · É que este usurpou-lhe o bobo.

NESTOR · Quem? Tersites?

ULISSES · Ele mesmo.

NESTOR · Assim sendo, Ajaz ficará sem assunto, porque perdeu seu único argumento.

ULISSES · Não é assim; como estais vendo, seu argumento é quem ficou com o argumento dele: Aquiles.

NESTOR · Tanto melhor; é preferível que se amassem a que se abracem. Mas era uma união muito forte, para que um louco a desfizesse.

ULISSES · A loucura pode desfazer facilmente a amizade que não é ligada pela sabedoria. Aí vem Pátroclo.

(*Volta Pátroclo.*)

NESTOR · Sem Aquiles.

ULISSES · O elefante tem juntas, mas não para cortesias; suas pernas são para deixá-lo de pé, não para se dobrarem.

PÁTROCLO · Aquiles incumbiu-me de dizer-vos que muito o contraria se outras causas, além da distração e dos prazeres, Vossa Grandeza decidiram e este nobre cortejo a virem visitá-lo.

Está certo, contudo, de que apenas motivos concernentes à saúde e a vossa digestão vos decidiram a passear ao ar livre, após a ceia.

AGAMÉMNONE ·

Pátroclo, ouvi-me; já não nos estranham respostas nesse tom. Mas seus pretextos, embora com as asas do desprezo, ultrapassar não podem nossa argúcia. Seus méritos são grandes, e nós todos lhe fazemos justiça de sobejo.

Porém suas virtudes, não por ele virtuosamente usadas, já começam a nossos olhos a perder o brilho.

Tal como bela fruta em prato sujo, talvez venha a acabar apodrecendo sem ter sido provada. Ide dizer-lhe que aqui estamos tão-só para falar-lhe, sem que haja transgressão de vossa parte se acrescentardes que o julgamos todos em excesso orgulhoso e pouco honesto, muito maior na própria presunção

do que ante o juízo alheio. Saiba que outros mais dignos que ele agüentam seus caprichos desordenados, a sagrada força do comando mascaram e subscrevem com indulgência sua prepotente vontade de mandar, sim, até mesmo suas venetazinhas sempre acatam, seus fluxos e refluxos, no suposto de que todo o comboio desta guerra nas suas águas, apenas, navegasse. Repeti-lhe tudo isso, acrescentando que se fizer subir o próprio preço por maneira excessiva, doravante passaremos sem ele, e que no jeito de uma máquina fora de serviço, à parte o pomos com o seguinte dístico: “Fazei-a funcionar; assim não pode ser usada na guerra”. Preferimos um anão que se mexa e ajudar possa, a um gigante que dorme. Dizei-lhe isso.

PÁTROCLO · Sim, vou dizer-lho e trago-vos a sua resposta sem demora.

(Sai.)

AGAMÉMNONE · Desagrada-nos intérprete haver nisso. Aqui viemos para falar-lhe. Ulisses, ide vê-lo.

(Sai Ulisses.)

AJAZ · Que é que ele é mais do que os outros?

AGAMÉMNONE · Apenas o que presume ser.

AJAZ · Tanto assim? Acreditais que ele se julga superior a mim?

AGAMÉMNONE · Sem dúvida.

AJAZ · Subscreveríeis sua opinião nesse particular?

AGAMÉMNONE · Não, nobre Ajaz. Sois tão forte quanto ele, tão valente, tão sábio, não menos nobre, muito mais cortês e infinitamente mais tratável.

AJAZ · Como pode alguém ser orgulhoso? Como será que o orgulho nasce? Não sei o que seja orgulho.

AGAMÉMNONE · Tanto mais lúcido, Ajaz, é vosso espírito, e mais belas vossas virtudes. O indivíduo orgulhoso devora-se a si mesmo; o orgulho é seu espelho, sua trombeta, sua própria crônica. Quem quer que se elogie a não ser pelos próprios atos, destrói os atos com o elogio.

AJAZ · Odeio tanto o indivíduo orgulhoso como a geração dos sapos.

NESTOR (à parte) · No entanto, tem amor a si próprio. Não é estranho?

(Volta Ulisses.)

ULISSES · Aquiles amanhã não vai bater-se.

AGAMÉMNONE ·

Que desculpa apresenta?

ULISSES · Ora, nenhuma;

levar se deixa pela correnteza de seu humor, sem revelar respeito nem consideração para conosco, por presunção apenas e capricho.

AGAMÉMNONE ·

Por que não sai, a nosso leal convite, da tenda, para respirar o ar livre, juntamente conosco?

ULISSES · Basta serem por nós solicitadas, para que ele dê importância às mais humildes coisas.

A si próprio só fala com um orgulho que as expressões contesta do discurso. Seu suposto valor no sangue dele mantém linguagem de tal modo ardente, tão empolada, que entre as faculdades mentais e ativas o potente Aquiles em sedição se encontra, inevitável sendo que se destrua. Que dizer-vos? De tal modo pesteadado o orgulho o deixa, que a uma voz gritam todos os sintomas fatais: “Está perdido!”

AGAMÉMNONE · Que Ajaz vá vê-lo. Ide, caro senhor, à tenda dele.

Dizem que ele vos tem em certa estima, podendo ser por vossa interferência desviado de si mesmo alguma coisa.

ULISSES · Agamémnone, não! Mudai de idéia.

Abençoemos os passos que de Aquiles afastarem Ajaz. Há de o orgulhoso, senhor, que a presunção incalculável assa na própria banha, e que não deixa do mundo externo entrar no pensamento senão o que ele próprio ruminara, ser adorado por quem nós na conta temos de um ídolo maior do que ele?

Não; não há de este herói três vezes digno, de real coragem, estragar os louros tão bela e nobremente conquistados, nem, ainda, com meu consentimento

sob o julgo há de pôr seu grande mérito —
por mais que Aquiles apresente títulos —
com visitar Aquiles.

Fora lardear seu enxundioso orgulho
e mais carvão acrescentar a Câncer,
quando, a saudar o grande Hipério, o queima.
Este senhor ir procurar Aquiles!

Não o permita Jove e, com voz forte,
faça-se ouvir: “Aquiles que o procure!”

NESTOR · (*à parte*)

Ótimo! Sabe onde fazer-lhe cócegas.

DIOMEDES · (*à parte*)

E como o seu silêncio bebe o aplauso!

AJAZ · Se o procurar, com o punho assim armado
esborracho-lhe a cara.

AGAMÉMNONE · Oh! não ireis.

AJAZ · Se vier para o meu lado com soberba,
amassar-lhe-ei o orgulho.

ULISSES · Não, à vista
da importância que tem nossa campanha.

AJAZ · Tipo orgulhoso e baixo!

NESTOR (*à parte*) · Como ele se descreve bem!

AJAZ · Não sabe ser delicado?

ULISSES (*à parte*) · O corvo faz pouco da cor negra.

AJAZ · Vou sangrar-lhe os humores.

AGAMÉMNONE (*à parte*) · O doente quer ser
médico.

AJAZ · Se todos pensassem como eu...

ULISSES (*à parte*) · O espírito sairia da moda.

AJAZ · ...não ficaria só nisso; primeiro, engoliria
espadas.

Terá de prevalecer o orgulho?

NESTOR (*à parte*) · Se assim fosse, tu prevaleceria
pela metade.

ULISSES (*à parte*) · Por dez décimos.

AJAZ · Vou amassá-lo; vou deixá-lo bem macio.

NESTOR (*à parte*) · Ainda não está suficientemente
quente; forçai-o com elogios. Mais água! mais água!
Sua ambição está seca.

ULISSES (*a Agamémnone*) ·

Muito a sério, senhor, tomais tudo isso.

NESTOR · Mui nobre general, mudai de plano.

DIOMEDES · Tereis de entrar em campo sem
Aquiles.

ULISSES · Só com nomeá-lo, ofensa lhe causamos.
Temos aqui um homem... Não; silêncio!

Estou na frente dele.

NESTOR · Por que assim?

Não se mostra invejoso como Aquiles.

ULISSES · Então, que todos ouçam: tão valente
é quanto o próprio Aquiles.

AJAZ · Cão bastardo, para zombar desse modo de
nós todos!

Se ele fosse troiano...

NESTOR · Que infelicidade seria para Ajaz...

ULISSES · ...se ele fosse orgulhoso.

DIOMEDES · Ou ávido de elogios.

ULISSES · Sim, ou de gênio intratável.

DIOMEDES · Ou caprichoso e egoísta.

ULISSES · Deves agradecer, senhor, aos deuses
por teres natureza tão afável.

Elogia teu pai, que te deu vida,
quem ao seio te pôs. Muito afamado

seja teu preceptor, e, sobre todas
as escolas, três vezes tenham glória

teus dotes naturais. Mas a pessoa
que exercitou teu braço para a luta,

que Marte em dois divida a eternidade
e a metade te dê. Quanto à tua força,

que o porta-touro Milo o nome ceda
ao vigoroso Ajaz. Louvar não quero

tua sabedoria, que, no jeito
de praia, cerca, linde, abarca as tuas

espaçosas e vastas qualidades.

Aqui temos Nestor que como mestre
teve o antiquário Tempo. É sábio, é certo;

tem de sê-lo; só pode ser mui sábio.

Mas perdoai-me dizer-vos, pai Nestor;

se tivésseis os dias ainda verdes

como os de Ajaz e o cérebro igualmente

temperado, sobre ele não teríeis

maior vantagem; outro Ajaz seríeis.

AJAZ · De pai vos chamarei.

ULISSES · Sim, caro filho.

DIOMEDES · Senhor Ajaz, guiai-vos só por ele.

ULISSES · É inútil continuarmos neste ponto.

Não abandona a mata o cervo Aquiles.

O nosso grande general agora

convocar deve todos os seus cabos.

Para Tróia chegaram novos príncipes.

É indispensável que amanhã fiquemos

de pé com nossas forças. Aqui temos

um homem... Venham todos os guerreiros do oriente e do ocidente, e a escolha façam do que entre os fortes for o mais prestante, que o nosso Ajaz vai levantar-lhe o guante.

AGAMÉMNONE ·

Que durma Aquiles. Vamos; mais depressa não corre o barco do que a nau expressa.

(*Saem.*)

Ato III · Cena I

Tróia. Palácio de Príamo.

Entram Pândaro e um criado.

PÂNDARO · Amigo, eh! Por obséquio, uma palavra: não seguis o jovem senhor Páris?

CRiado · Sim, senhor; quando ele anda na minha frente.

PÂNDARO · O que pergunto é se dependeis dele.

CRiado · Dependo apenas do Senhor.

PÂNDARO · Dependes de um nobre gentil-homem; não posso deixar de louvá-lo.

CRiado · Louvado seja o Senhor!

PÂNDARO · Conheceis-me, não é verdade?

CRiado · Sim, senhor; superficialmente.

PÂNDARO · Amigo, aprende a conhecer-me melhor: sou o senhor Pândaro.

CRiado · Espero vir a conhecer melhor Vossa Excelência.

PÂNDARO · É o que eu desejo.

CRiado · Estais em estado de graça.

PÂNDARO · Graça, não, amigo; meus títulos são: Honra e Senhoria.

(*Ouve-se música.*)

Que música é essa?

CRiado · Só em parte o sei, meu senhor; é música por partes.

PÂNDARO · Conheceis os músicos?

CRiado · Inteiramente, meu senhor.

PÂNDARO · Para quem estão tocando?

CRiado · Para os ouvintes, senhor.

PÂNDARO · Para agradar a quem, amigo?

CRiado · A mim, senhor, e a quem gostar de música.

PÂNDARO · Amigo, sempre que eu digo “agradar”, quero dizer “à ordem de quem?”

CRiado · A quem devo dar ordens, senhor?

PÂNDARO · Amigo, nós não nos fazemos compreender; eu sou muito polido, e tu, muito ladino. A pedido de quem estes homens estão tocando?

CRiado · Assim, sim; desse modo, senhor, a coisa vai. Ora, senhor, a pedido de Páris, meu amo, que se encontra ali em pessoa e, ao lado dele, a Vênus mortal, o puro sangue da beleza, a alma invisível do amor.

PÂNDARO · Quem? Quem? Minha prima Cressida?

CRiado · Não, senhor: Helena. Pela enumeração dos atributos não conseguistes adivinhar quem era?

PÂNDARO · Só parece, amigo, que nunca viste a senhorita Cressida. Vim aqui para falar com Páris, a mandado do príncipe Tróilo. Vou assaltá-lo com cortesias, porque o meu assunto está a ferver.

CRiado · Assunto fervente? A frase é de guizado, não há dúvida.

(*Entram Páris e Helena, com séquito.*)

PÂNDARO · Que tudo vos sorria, senhora, e a toda esta bela companhia. Belos desejos em belíssimo compasso vos sirvam belamente de guia. E a vós especialmente, bela Rainha. Que belos pensamentos vos sirvam de belo travesseiro.

HELENA · Caro senhor, estais cheio de belas palavras.

PÂNDARO · É o vosso belo prazer que assim o diz, doce Rainha. Belo príncipe, é uma boa música por partes.

PÁRIS · Fostes vós que a partistes, primo. Mas, por minha vida, haveis de deixá-la boa de novo, reunindo todos os pedaços dela com um pedaço de vossa execução. Lenita, ele é cheio de harmonia.

PÂNDARO · Não, não é assim, minha senhora.

HELENA · Oh, senhor!

PÂNDARO · Rouco, em verdade; em boa verdade, muito rouco.

PÁRIS · Muito bem dito, meu senhor, pois dizeis isso mesmo com muita harmonia.

PÂNDARO · Tenho de tratar de um assunto com o senhor, querida Rainha; podeis, senhor, conceder-me uma palavrinha?

HELENA · Não, não permitimos que nos alijem desse modo. Tereis de cantar-nos alguma coisa.

PÂNDARO · Pois não, encantadora Rainha; vejo que estais gracejando. — Mas em verdade, senhor, o meu estimado senhor e muito prezado amigo, vosso irmão Tróilo...

HELENA · Senhor Pândaro, dulcíssimo cavalheiro...

PÂNDARO · Prossegui, doce Rainha, prossegui! — ...se recomenda a vós mui efetuosamente.

HELENA · Não, não escamoteareis nossa melodia. Se tal fizerdes, que nossa melancolia vos caia sobre a cabeça.

PÂNDARO · Doce Rainha! Doce Rainha! Eis uma Rainha verdadeiramente doce.

HELENA · É ofensa por demais azeda deixar aborrecida uma Rainha doce.

PÂNDARO · Não, de nada isso vos poderá servir; de nada, em verdade, e pronto! Não, essas palavras não me comovem; não, não! — E, senhor, ele vos pede que o desculpeis, quando o Rei o chamar para a ceia.

HELENA · Senhor Pândaro...

PÂNDARO · Que diz a minha doce Rainha, a minha dulcíssima Rainha?

PÁRIS · Que aventura temi ele em vista? Onde vai ceiar esta noite?

HELENA · Mas, senhor...

PÂNDARO · Que disse a minha doce Rainha? Minha prima ficaria zangada; não deveis saber onde ele vai ceiar.

PÁRIS · Aposto a vida em como é com a minha soberana Cressida.

PÂNDARO · Não, não; nada disso. Errastes por muito. Vamos; vossa soberana está doente.

PÁRIS · Está bem; hei de desculpá-lo.

PÂNDARO · Muito bem, meu bom senhor. Por que vos lembrastes de Cressida? Não; vossa pobre soberana está doente.

PÁRIS · Estou percebendo.

PÂNDARO · Estais percebendo? Que percebeis? Vamos, dai-me o instrumento. Agora, doce Rainha.

HELENA · Oh! é muita gentileza de vossa parte.

PÂNDARO · Minha sobrinha está horrivelmente apaixonada de alguma coisa que vos pertence, doce Rainha.

HELENA · Pois será dela, senhor, no caso de não tratar-se do meu senhor Páris.

PÂNDARO · Oh, não! ela não quer saber dele; estão afastados.

HELENA · Se se aproximarem depois de estarem afastados, poderão fazer três.

PÂNDARO · Vamos, vamos! Não falemos mais nisso. Agora vou cantar-vos alguma coisa.

HELENA · Sim, sim, por obséquio. Por minha palavra, doce senhor, tendes uma bela frente.

PÂNDARO · Sim, prossegui, prossegui!

HELENA · Que tua canção seja de amor. O amor nos porá a perder a todos nós. Oh Cupido, Cupido, Cupido!

PÂNDARO · O amor? Sim, é o que se dará, realmente.

PÁRIS · Sim, está bem: Amor, amor, somente amor!

PÂNDARO · Por minha alma! é assim mesmo que começa. (*Canta.*) Amor, somente amor, o eterno amor!

O amor a tudo força;
derruba o cervo e a corça.

A seta timorata
não mata mas maltrata.
alimentando a dor.

Suspira o namorado: oh dor horrível!

Mas a ferida que era tão mortal
transforma oh oh! em ah! — Oh oh! em ah!

Assim, matando, cura o ingente mal.

Antes, oh oh! Agora, apenas ah!

Não gemidos: suspiros, só, de ah ah!

Hei! hō!

HELENA · Realmente, está com amor até na ponta do nariz.

PÁRIS · É que ele só se alimenta de rolinhas, minha querida; e isso deixa o sangue quente. O sangue quente gera pensamentos quentes; pensamentos quentes fazem despertar ações quentes, e as ações quentes são o amor.

PÂNDARO · É essa a genealogia do amor? Sangue quente, pensamentos quentes e ações quentes? Então são puras víboras. Não passará o amor de uma geração de víboras? Meu doce senhor, quem temos hoje no campo de batalha?

PÁRIS · Heitor, Deífobo, Heleno, Antenor e toda a nata dos troianos. De muito bom grado eu envergaria hoje as armas, mas a minha Lenita não mo permitiu. Por que motivo Tróilo também não saiu?

HELENA · Ele anda de beíço caído por alguém. Estais a par de tudo, senhor Pândaro.

PÂNDARO · Eu, não, dulcíssima Rainha. Estou ansioso para saber como lhes decorreu o dia de hoje. Não deixareis de desculpar vosso irmão?

PÁRIS · Ponto por ponto.

PÂNDARO · Adeus, doce Rainha.

HELENA · Recomendai-me a vossa sobrinha.

PÂNDARO · Não deixarei de fazê-lo, doce Rainha.

(Ouve-se toque de retirada.)

PÁRIS · Já vêm de volta. Vamos para a sala de Príamo, saudar os combatentes.

Doce Helena, desejo concitar-vos a desarmar Heitor. Suas teimosas fivelas mais depressa se submetem ao toque dessas mãos brancas e mágicas

do que as lâminas de aço e toda a força dos músculos dos gregos. Fareis mais do que todos os príncipes das ilhas. Ide tirar as armas do alto Heitor.

HELENA · Páris, envaidecidas nos sentimentos por servirmos a Heitor. O que ele venha de nós a receber como respeito, fará aumentar mais uma palma à nossa beleza e o luzimento sublimar-nos.

PÁRIS · Tenho-te amor, querida, ilimitado.

(Saem.)

Ato III · Cena II

O mesmo. Jardim de Pândaro.

Entram Pândaro e o pajem de Tróilo, que se encontram.

PÂNDARO · Então, onde está meu amo? Está com minha prima Cressida?

PAJEM · Não, senhor; está à vossa espera, para que o leveis até lá.

(Entra Tróilo.)

PÂNDARO · Oh! ei-lo aqui. Então, que aconteceu?

TRÓILO · Maroto, vai saindo.

(Sai o pajem.)

PÂNDARO · Acaso vistes minha prima?

TRÓILO · Não, Pândaro. Vagueio em frente à porta dela como uma alma nova na margem da lagoa Estígia que espera condução. Oh! meu Caronte queiras ser e transporta-me depressa para os prados em que eu lançar-me possa nos canteiros de lírios reservados para o mais digno disso. Oh gentil Pândaro! dos ombros de Cupido arranca as asas variegadas e leva-me a Cressida!

PÂNDARO · Passeai pelo jardim; vou já trazer-vo-la.

(Sai.)

TRÓILO · Tudo me gira em torno; a expectativa me faz sentir vertigens. O deleite imaginário é de tal modo doce, que me encanta os sentidos. Que vai dar-se, quando sentir, realmente, o palato úmido esse néctar de amor tão depurado? A morte temo, o salto para o nada,

ou mesmo uma alegria muito pura, sutil e poderosa em demasia, muito aguda, de tanta suavidade, para a capacidade das grosseiras forças que me são próprias. Tenho medo; como também receio que os sentidos confundidos me fiquem, de alegria, como se dá nos prélios, quando, aos montes, o vencedor derruba os fugitivos.

(Volta Pândaro.)

PÂNDARO · Está se apressando; virá neste momento. É preciso que vos mostreis espirituoso. Ela fica tão corada e com o fôlego tão cortado, como se tivesse visto algum fantasma. Vou buscá-la; é a moleca mais linda que eu já vi; tem a respiração tão curta como um pardal apanhado de pouco.

(Sai.)

TRÓILO · Emoção semelhante me angustia. Mais apressado o coração me bate. do que o pulso febril, desfalecendo todas as minhas forças, como o súdito que o olhar da majestade a encontrar venha inopinadamente.

(Volta Pândaro, com Cressida.)

PÂNDARO · Vamos, vamos; por que ficais corado? A timidez é uma criança. Ei-la; repeti-lhe agora os juramentos que me dissestes. Como! Quereis fugir novamente? Precisaís ficar sob custódia, para poderdes amansar, não é verdade? Avançai, avançai; se começardes a recuar, teremos de pôr-vos entre os varais. Por que não lhe falais? Vamos, puxai logo essa cortina e deixai-nos ver o quadro. Ah! pobre dia!

Como vos mostrais receosa de ofendê-lo! Se fosse noite, ficaríeis juntos mais depressa. Assim, assim; encostai-vos; beijai a dama. Como assim! um beijo perpétuo? Constrói sobre esse ponto, carpinteiro; o ar aqui é saudável. É certo, rompereis os corações sem que eu vos possa separar. O falcão terá sua companheira, apesar de todos os adens da lagoa. Prossegui, prossegui!

TRÓILO · Privastes-me de todas as palavras, senhora.

PÂNDARO · Palavras não pagam dívidas; dai-lhe ações. Mas receio que ela vos prive também das ações, se solicitar vossa atividade. Como! Estão selando mais uma vez o contrato? Agora vem a fórmula: “Em testemunho do que as partes contratantes...” Entraí, entraí; vou preparar o fogo.

(*Sai.*)

CRESSIDA · Quereis entrar, senhor?

TRÓILO · Oh, Cressida! Quantas vezes desejei isto mesmo!

CRESSIDA · Desejastes, senhor? Oh! os deuses o permitam... Oh, senhor!

TRÓILO · Que devem permitir os deuses? Qual foi a causa dessa interrupção súbita? Que sedimento perturbador percebe a minha doce senhora na fonte de nosso amor?

CRESSIDA · Mais sedimento do que água, se meus temores tiverem olhos.

TRÓILO · O medo transforma anjos em demônios; nunca enxergam nada certo.

CRESSIDA · O medo cego, que tem como guia a razão que vê, tem o pé mais firme do que a razão cega que tropeça sem medo. Muitas vezes o medo do pior é a cura do pior.

TRÓILO · Oh! minha dama não precisa ter medo. Nos espetáculos de Cupido nunca aparecem monstros.

CRESSIDA · Nem nada monstruoso?

TRÓILO · Nada, a não serem as nossas promessas, quando juramos que havemos de chorar oceanos, viver no fogo, comer penhascos, amansar tigres, por acreditarmos que é mais difícil para nossa dama impor-nos incumbências suficientes do que para nós vencer todas as dificuldades. Nisto, minha senhora, é que consiste a monstruosidade do amor: em ser infinita a vontade e limitada a execução: em serem ilimitados os desejos, e o ato, escravo do limite.

CRESSIDA · Dizem que os amantes se prontificam a realizar mais coisas do que são capazes, reservando, contudo, habilidades que jamais terão oportunidade de exercitar; prometem executar mais de dez, mas só chegam a realizar menos do que a décima parte de um. Rugem como leão e agem como lebre. Não serão, assim, verdadeiros monstros?

TRÓILO · Haverá algum amante desse jeito? Não, não somos assim. Elogiai-nos pelo que valem e julgai-nos por experiência. Andaremos com a cabeça descoberta, até que o merecimento a coroe. Nenhuma ação em perspectiva deverá ser elogiada no presente; não qualifiquemos o valor antes de seu nascimento; e depois de nascido, que receba um título muito simples. Poucas palavras para uma bela fé: seja Tróilo para Cressida de tal forma que o que de pior possa dizer a inveja não passe de escárnio ante sua verdade, e que tudo o que a verdade possa dizer de verdadeira, não possa ser mais verdadeiro do que Tróilo.

CRESSIDA · Não quereis entrar, senhor?

(*Volta Pândaro.*)

PÂNDARO · Como! ainda corado? Ainda não conversastes nada?

CRESSIDA · Está bem, tio; todas as tolices que eu vier a cometer vos serão dedicadas.

PÂNDARO · Fico-vos muito obrigado por isso. Se meu senhor vier a ter um filho de vós, vós mo dareis. Sede fiel ao meu senhor; se ele vier a modificar-se, lançai em mim toda a culpa.

TRÓILO · Ficastes agora sabendo com que penhores contaís: a palavra de vosso tio e a minha fé inquebrantável.

PÂNDARO · Sim, por ela também empenho a palavra. Em nossa família sempre custa serem conquistadas as mulheres; mas depois se revelam muito constantes; são como bardana, posso afiançar-vos; pegam onde quer que as atiremos.

CRESSIDA · Sinto-me audaz agora e com coragem. Príncipe Tróilo, amei-vos noite e dia, durante longos meses.

TRÓILO · Por que causa minha Cressida, então, demorou tanto para ser conquistada?

CRESSIDA · Na aparência, tão-somente, senhor; porque, em verdade, desde o primeiro olhar que... Oh! perdoai-me; se disser tudo, virareis tirano.

Amo-vos neste instante, mas não tanto que dominar o meu amor não possa. Não, minto; os pensamentos se me tornam como crianças por demais mimadas, que para as mães teimosas se revelam. Mas, como somos loucas! Que vantagem nos vem de falar tanto? Quem é que há de ser fiel para nós outras, se conosco a tal ponto indiscretas nos mostramos? Porém embora vos amasse, nunca deixei transparecer meus sentimentos. Mas ser homem agora desejara ou, pelo menos, ter o privilégio dos homens, de falar primeiramente. Mandai-me, amigo, refrear a língua, porque nesta embriaguez é quase certo falar o de que venha a arrepender-me. Vede, vosso silêncio, por astúcia tornado mudo, da fraqueza tira-me a alma de meu segredo. Vinde logo fechar-me a boca.

TRÓILO · É o que farei, embora música deliciosa dela saia.

PÂNDARO · Lindo, realmente.

CRESSIDA · Meu senhor, desculpai-me, por obséquio.

Não tencionava suplicar um beijo.

Oh céus! Que fiz! Quanta vergonha sinto!

É tempo, meu senhor, de despedir-me.

TRÓILO · Despedir-vos, Cressida encantadora?

PÂNDARO · Despedir-vos? Se for possível isso antes de amanhã cedo...

CRESSIDA · Não vos aborreçais.

TRÓILO · Que vos ofende, senhora?

CRESSIDA · Minha própria companhia.

TRÓILO · Não podeis separar-vos de vós mesma.

CRESSIDA · Quero experimentar. Tenho uma espécie de eu mesma que demora só convosco, mas uma espécie de tal forma absurda, que de si própria sai, para tornar-se bobo da outra pessoa. Desejara já ter partido. Onde é que tenho o juízo? Já não sei o que falo.

TRÓILO · Muito sabe quanto fala quem fala desse modo.

CRESSIDA · É possível, senhor, que eu mostre muito mais astúcia que amor, só tendo feito

tão larga confissão para que de isca servisse para os vossos pensamentos. Sensato sois, no caso de não serdes apaixonado; pois sabeis que excede de muito a mente humana ser a um tempo sensato e apaixonado. Nisso prima o conselho dos deuses lá de cima.

TRÓILO · Oh! se eu pudesse acreditar que fosse a uma mulher possível — e no caso de o ser, de vós o esperaria, apenas — alimentar eternamente as chamas e a lâmpada do amor, e em permanente mocidade e frescor deixar a sua fidelidade, que à beleza eterna sobrevivesse por um sentimento que mais rápido viesse a renovar-se que o sangue a envelhecer! Oh! se essa crença convicto me deixasse de que a minha sinceridade, a minha inabalável constância em relação a vós pudesse ser retribuída, com medida e peso, por outro amor tão puro e sublimado: quão transportado então eu me julgara! Mas, ai! sou tão sincero como a própria sinceridade ingênua, e mais ingênuo que a própria infância da sinceridade.

CRESSIDA · Seremos rivais nisso.

TRÓILO · Oh luta excelsa!

Com a lealdade a lealdade desavir-se, por querer ser mais leal! Os mais sinceros apaixonados dos futuros tempos, por Tróilo hão de jurar os sentimentos. Quando seus versos cheios de protestos, de juras e de símiles grandiosos carecerem de imagens, a verdade, lassa de tanta iteração, tais como: tão fiel quanto o aço, como à lua as plantas, ao dia a luz, ao companheiro a rola, o ferro ao ímã, a terra ao próprio centro... Sim, depois de esgotadas as imagens, como penhor mais alto da verdade hão de ver-me citado, finalmente, por ela própria, assim: “Tão verdadeiro quanto Tróilo”, coroando, desse modo, seus versos e santificando os números.

CRESSIDA · Profeta possais ser.

Se falsa eu me tornar, ou de um cabelo me afastar da verdade, quando o tempo ficar velho e esquecido de si próprio,

e quando as gotas de água já tiverem gasto as pedras de Tróia e o esquecimento cego houver devorado tantos burgos, vindo a se confundir possantes reinos com o nada empoeirado: que a memória venha, de falsidade em falsidade, em meio a todas as amantes falsas, increspar-me de falsa. E quando houverem dito: “Falsa como o ar, o vento, as águas, a incontável areia; ou falsa como para a ovelha a raposa, ou como o lobo para o bezerro, o tigre para o cervo, para o filho, a madrasta...” sim, que digam, da falsidade o coração tocando: “Falsa como Cressida!”

PÂNDARO · Vamos, vamos. O contrato está feito. Selai-o, selai-o. Servirei de testemunha. Dai-me a

mão; a vossa também, prima. Se em qualquer tempo um de vós se mostrar infiel para o outro, já que tive tanto trabalho para aproximar-vos, que até o fim do mundo todos os pobres medianeiros tragam meu nome; chamai-os de Pândaro. Que todos os homens constantes sejam Tróilos; as mulheres falsas, Cressidas, e todos os alcoviteiros, Pândaros. Dizei amém.

TRÓILO · Amém.

CRESSIDA · Amém.

PÂNDARO · Amém. E agora vou mostrar-vos um quarto e uma cama. A cama deveis comprimir de matar, para que não venha a falar de vossos lindos combates. Vamos!

Que a moça esquiva o amor de jeito; um belo quarto, um Pândaro, um bom leito.

(*Saem.*)

Ato III · Cena III

O acampamento grego.

Entram Agamémnone, Ulisses, Diomedes, Nestor, Ajaz, Menelau e Calcante.

CALCANTE · Pelos serviços que vos hei prestado, príncipes, em voz alta me concita a ocasião a pedir-vos recompensa. Gravei no pensamento que, em virtude de penetrar com vista no futuro saí de Tróia, renunciei a todos os meus bens, sobre mim chamei o nome de traidor, e, deixando positivas conveniências e certas, à fortuna duvidosa me expus, além de ter-me separado de tudo quanto o tempo, o hábito, as relações e o próprio ofício tinham deixado familiar e dócil à minha natureza, assim me pondo aqui, para vos ser de utilidade, como novo no mundo, estranho e à parte. Peço-vos, pois, que, à guisa de antegosto, diminuto favor me concedais, dos numerosos que anotados foram pelas vossas promessas e se encontram, conforme tantas vezes o afirmastes, assegurados para o meu futuro.

AGAMÉMNONE · Que desejas de nós, troiano? Fala.

CALCANTE · Prisioneiro fizestes um troiano;

Antenor é seu nome. Foi preso ontem.

Em alta conta Tróia o teve sempre.

Já revelastes muitas vezes — muitas

graças vos sejam dadas — o desejo

de que a minha Cressida permutada

fosse por algum grande prisioneiro,

coisa a que Tróia se negou até hoje.

Esse Antenor, porém, tenho certeza,

é a chave afinadora deles todos,

de tal maneira que, faltando, logo

ficarão frouxos os negócios deles,

por falta de quem saiba dirigi-los.

Um príncipe de sangue vos dariam

em troca dele, um filho do alto Príamo.

Soltai-o, grandes príncipes; o preço

vai ele ser de minha cara filha.

Sua presença quitação vai dar-vos

de todos os serviços por mim feitos

com voluntário incômodo.

AGAMÉMNONE · Diomedes

que o leve então e traga-nos Cressida.

Terá Calcante o que de nós suplica.

Aprontai-vos de jeito, bom Diomedes,

para levar a efeito essa barganha.

Ao mesmo tempo nos trareis notícias com relação a Heitor, se está esperando para amanhã nossa resposta ao repto que nos lançou; Ajaz já se acha pronto.

DIOMEDES · Farei tudo isso; sinto-me orgulhoso de levar esse fardo.

(Saem Diomedes e Calcante.)

(Aquiles e Pátroclo aparecem na porta da tenda deles.)

ULISSES · À entrada de sua tenda se acha Aquiles.

Convém que nosso general agora por ele passe bem indiferente, como esquecido dele; e vós, meus príncipes, deveis lançar-lhe olhar omissos e vago.

Por último irei eu. É quase certo

que me pergunte a causa de lhe terem lançado esses olhares desdenhosos.

Se tal acontecer, dou-lhe um remédio que por vontade há de beber, decerto, feito só de ironia, que entre o orgulho dele hei de pôr a vossa indiferença.

Há de fazer-lhe bem; não dispõe nunca o orgulho de outro espelho em que se mire, senão o próprio orgulho. Os joelhos moles a arrogância alimentam e o honorário sempre são do indivíduo solitário.

AGAMÉMNONE · Em prática poremos essa idéia e assumiremos ar indiferente,

ao passarmos por ele. Façam todos a mesma coisa, não o cumprimentando, ou, talvez, com desdém, o que, decerto, mais há de aborrecê-lo do que nada.

Irei na frente.

AQUILES · Como! Dá-se o caso de vir o general falar-me agora?

Já sei o que ele quer; mas não consegue convencer-me a lutar contra os dardânios.

AGAMÉMNONE · Que disse Aquiles? Quer falar-nos algo?

NESTOR · Desejais, meu senhor, alguma coisa de nosso general?

AQUILES · Não.

NESTOR · Nada, senhor.

AGAMÉMNONE · Tanto melhor.

(Saem Agamémnone e Nestor.)

AQUILES · Bom dia! Bom dia!

MENELAU · Como ides passando? Como ides passando?

(Sai Menelau.)

AQUILES · Como! Será que esse cabrão está zombando de mim?

AJAZ · Como vai isso, Pátroclo?

AQUILES · Bom dia, Ajaz.

AJAZ · Hem?

AQUILES · Bom dia.

AJAZ · Sim, e também boa tarde.

AQUILES · Que quererão dizer esses sujeitos? Não reconhecem porventura, Aquiles?

PÁTROCLO · Passam com ar estranho; acostumados estavam a curvar-se em frente a Aquiles, a lhe sorrirem, dele aproximando-se com tamanha humildade como quando se esgueiram para o altar santificado.

AQUILES · Terei ficado pobre ultimamente?

Da fortuna a grandeza decaindo, é muito certo, caem com ela os homens.

O decaído mais depressa aprende sua própria condição no olhar dos outros do que vem a sentir que está por baixo.

Porque os homens, tal como as borboletas, só no verão ostentam suas asas

aveludadas. Nenhum homem — como homem considerado — recebe honras.

Honras recebem tão-somente, as honras que fora dele se acham, como: postos, riquezas e conceito, que são dádivas mais da sorte, talvez, do que do mérito.

Vindo elas a cair — como suportes que são, instáveis, e a afeição, instável do mesmo modo, que as traz sempre unidas — cada uma arrasta em sua queda as outras, vindo a morrer da queda ao mesmo tempo.

Mas isso não me atinge; eu e a fortuna ainda somos amigos; ainda gozo plenamente de tudo quanto tinha,

salvo o olhar desses homens, que, parece-me, algo em mim vêem indigno de alta estima que em relação a mim mostraram sempre.

Mas aí vem Ulisses; está lendo.

Vou já interrompê-lo. Então, Ulisses?

ULISSES · Grande filho de Tétis, que há de novo?

AQUILES · Que estais lendo?

ULISSES · Um sujeito extravagante me escreve agora que o homem, por mais dotes que possua, maiores atributos exteriores e internos, nunca deve vangloriar-se por isso, não possuindo

consciência do que tem, senão apenas pelo reflexo, como se a virtude que lhe é própria, irradiando-se para outros, os aquecesse, e esse calor viesse de novo para o ponto de partida.

AQUILES · Mas, Ulisses, não vejo nisso tudo nada de extravagante. A formosura que aqui no rosto temos é ignorada pelo seu próprio dono; recomenda-se aos olhares dos outros, tão-somente.

O próprio olho — o mais puro dos sentidos — também não se contempla, não podendo de si mesmo apartar-se; mas dois olhos que se encontrem, um no outro cumprimenta a forma respectiva. Não retorna para si mesmo a vista sem que tenha viajado e a ficar venha refletida onde se possa ver. Nada há de estranho.

ULISSES · Essa proposição não me surpreende; é familiar. Causa estranheza, entanto, a conclusão do autor, que expressamente demonstra que ninguém pode ufanar-se de ser senhor de alguma coisa, embora tenha muito valor, tanto por dentro como por fora, enquanto aos demais homens não estender as suas qualidades, não as podendo em conta alguma tê-las sem as ver exaltadas nos aplausos das que a senti-las vierem, que, no jeito de uma abóbada as vozes multiplica, ou como porta de aço que, defronte colocada do sol, recebe e envia, num só tempo, o calor e a imagem dele. Impressionado me deixou tudo isso, e logo, logo, me ocorreu à mente o Ajaz desconhecido.

Oh céus, que homem aquele! Um verdadeiro cavalo, pois não sabe o que carrega. Oh natureza! Como há tantas coisas, abjetas na aparência, mas preciosas em sua aplicação! e tantas outras, pelo contrário, caras no conceito, mas de valor somenos! Mas veremos amanhã, por um feito a que levado foi por simples acaso, Ajaz famoso.

Oh céus! como é possível que alguns homens façam tanto, enquanto outros nada fazem!

Como alguns se insinuam no palácio da Fortuna volúvel, enquanto outros aos olhos dela passam por idiotas!

Como há tantas pessoas que no orgulho se fartam do vizinho, enquanto o orgulho se regala na sua presunção!

Vede esses chefes gregos: no ombro todos do grandalhão Ajaz agora batem, como se o pé já lhe estivessem vendo sobre o peito de Heitor e a grande Tróia nos gonzos abalada.

AQUILES · Creio nisso. porque passam por mim como os avaros pela frente de um pobre: nenhum deles me dirige um olhar ou termo afável. Como! Esquecidos estarão meus feitos?

ULISSES · O tempo, meu senhor, carrega às costas um alforje de esmolos para o olvido, monstro que a ingratidão torna gigante. Essas migalhas são os grandes atos do passado, que ficam devorados no instante em que são feitos, esquecidos tão logo que se afirmam. A constância, caro senhor, é a única que o brilho sempre conserva da honra. Já ter feito é estar fora da moda, como cota de armas enferrujadas, monumento de zombaria apenas. O caminho do presente tomai, porque em picada tão estreita caminha sempre a glória, que uma pessoa, só, andar consegue. Assim, ficai no atalho, porque o ciúme tem mil filhos que em briga vivem sempre. Se cedeis o lugar ou do caminho direto vos desviais, a um tempo todos se precipitam, como em cheia as águas, e para trás vos deixam.

Ou, tal como ginete valoroso caído na dianteira, transformai-vos em capacho da abjeta retaguarda, que vos amassa e esmaga, o que eles fazem no presente, conquanto muito menos do que fizestes antes, sobrepuja todos os vossos atos. Porque o tempo com os estalajadeiros muito em moda se assemelha, que aos hóspedes apertam de leve a mão, no instante da partida,

e de braços abertos ao que chega
tratam de segurar, como se em fuga,
porventura, estivesse. A boa-vinda
sempre sorri; o adeus sai suspirando.
Oh! remuneração não queira o mérito
pelo que já passou.
Pois a beleza, o nascimento, o espírito,
a robustez, o mérito no ofício,
a caridade, o amor, as amizades,
são escravos do tempo difamante,
por demais invejoso. Um traço, apenas,
da natureza a todos faz parentes:
é que todos louvores sempre tecem
ao mais recente adorno, embora feito
de material já velho, e em mor conceito
têm a poeira sob fina capa de ouro
do que o ouro empoeirado. O olhar mais próximo
aprecia o mais próximo objeto.

Por isso não te espantes, oh homem grande,
homem completo, que ora os gregos todos
a Ajaz tal culto prestem, porque as coisas
em movimento mais o olhar atraem
do que o que não se mexe. Outrora as vozes
de aplauso te aclamavam, o que ainda
podia acontecer, sim, poderia
voltar a dar-se, caso não tivesses
resolvido com vida sepultar-te
e em tua tenda conservar a glória,
tu, que no campo de batalha tantas
façanhas realizaste, que fizeste
surgir discórdia até entre os próprios deuses
e deixar revoltado o grande Marte.

AQUILES · Tenho para a abstenção motivos fortes.

ULISSES ·

Mas contra essa abstenção há mais heróicas
e potentes razões. Todos sabemos,
Aquiles, que uma filha do alto Príamo
vos despertou paixão.

AQUILES · Como o soubestes?

ULISSES · Que é que há de estranho nisso?

Num vigilante Estado há providência
que conhece as partículas mais ínfimas
de todo o ouro de Pluto, o fundo alcança
dos mais negros abismos, consonante
fica com o pensamento e, como os deuses,
descobre a idéia nos seus berços mudos.
Há na alma dos Estados um mistério

com que jamais ousa meter-se a história,
de mecanismo muito mais divino
do que possa exprimir a voz ou a pena.
Todas as relações havidas entre
vós e Tróia, senhor, são tanto vossas
como nossas. Mas para Aquiles fora
melhor vir a lançar a Heitor por terra
do que lançar Políxena. Que mágoa
vai na pátria sentir o jovem Pirro,
quando fizer soar em nossas ilhas
sua trombeta a Fama, e as raparigas
gregas cantarolarem nos bailados:
“À irmã do grande Heitor venceu Aquiles;
mas nosso grande Ajaz matou aquele”.
Adeus, senhor; o amigo é que vos fala;
tropeça o bobo onde encontrais escala.

(Sai.)

PÁTROCLO · Sobre isso, Aquiles, já instei convosco.

Não é mais repulsiva e condenável
a mulher impudente e masculina
do que o varão efeminado, quando
chega a ocasião de agir. Recebo a culpa
pelo que ora se passa. Todos pensam
que meu pequeno gosto para a guerra
e vosso grande amor é o que vos prende.
Levantai-vos, querido, e logo o débil
e brincalhão Cupido há de seus laços
amorosos tirar-vos do pescoço,
que ficarão desfeitos como gotas
de orvalho que da juba do leio pendem.

AQUILES · Ajaz irá bater-se com Heitor?

PÁTROCLO · Perfeitamente, e talvez honras grandes
ganhar com isso.

AQUILES · Vejo que em perigo
minha reputação ora se encontra;
minha glória está muito escalavrada.

PÁTROCLO · Tende cuidado, então, porque as feridas
que em nós próprios fazemos saram sempre
por maneira viciosa; os erros onde
não haja acaso falhas, assinalam
o alvo para o perigo e, como a febre,
sutilmente o perigo nos alcança,
quando ao sol, descuidados, nos achamos.

AQUILES · Caro Pátroclo, vai chamar Tersites.

A Ajaz recado vou mandar por ele,
para que, após o encontro, os chefes teucros
convide a, desarmados, virem ver-me.

Tenho um desejo de mulher, capricho doentio, é certo, de poder de perto ver esse grande Heitor em trajes simples, falar com ele, contemplar-lhe o rosto à saciedade... Vê! Poupei-te as pernas.

(*Entra Tersites.*)

TERSITES · Um milagre!

AQUILES · Qual foi?

TERSITES · Ajaz está andando na planície de um lado para o outro, à procura de si mesmo.

AQUILES · Como assim?

TERSITES · Ele tem de enfrentar-se com Heitor amanhã em combate singular e está tão profeticamente orgulhoso, por ter de receber uma sova heróica, que se põe a fantasiar, sem dizer nada.

AQUILES · Como pode ser isso?

TERSITES · Ora, ele passeia para lá e para cá com a gravidade de um pavão; a cada passo faz uma parada; ruma tal qual uma estalajadeira, que não tem outra aritmética senão a cabeça para fazer suas contas; morde os lábios com um ar político, como quem diz: “Há espírito nesta cabeça; a questão é poder sair dela...” que é o que, realmente, se dá; mas encontra-se tão frio no seu interior, como a fásca na pederneira, que só aparece por meio de pancada. O homem está perdido para sempre; porque se Heitor não lhe quebrar o pescoço neste encontro, ele próprio o quebrará por simples vanglória. Não me reconheceu. Disse-lhe: “Bom dia, Ajaz”, tendo ele respondido: “Obrigado, Agamémnone”. Que juízo fazeis de um indivíduo que me toma pelo general? Virou um verdadeiro peixe de terra, um monstro sem fala. A peste que leve a fama! Pode ser usada de ambos os lados, como um casaco de couro.

AQUILES · Preciso que me sirvas de embaixador para ele, Tersites.

TERSITES · Quem, eu? Ora, ele não responderá a ninguém. Jurou não responder a nada. Falar é só para os mendigos. Traz a língua nos braços. Vou imitar a atitude dele; Pátroclo que me dirija perguntas, para verdes a representação de Ajaz.

AQUILES · Fala-lhe, Pátroclo. Dize-lhe que eu peço humildemente que o valente Ajaz convide

o muito valoroso Heitor para vir desarmado à minha tenda e consiga para sua pessoa um salvo-conduto do magnânimo e muito ilustre, seis ou sete vezes honrado capitão-general do exército grego, Agamémnone, etc. Faze isso.

PÁTROCLO · Jove abençoe o grande Ajaz.

TERSITES · Hum!...

PÁTROCLO · Vim da parte do digno Aquiles...

TERSITES · Ah!

PÁTROCLO · ...que muito humildemente vos concita a convidar Heitor para ir à tenda dele...

TERSITES · Hum!...

PÁTROCLO · ...e a obter de Agamémnone um salvo-conduto.

TERSITES · Agamémnone?

PÁTROCLO · Sim, meu senhor.

TERSITES · Ah!

PÁTROCLO · Que dizeis a isso?

TERSITES · Deus seja convosco, de todo o coração.

PÁTROCLO · Vossa resposta, senhor.

TERSITES · Se amanhã fizer bom dia, lá pelas onze horas será de qualquer jeito. Seja como for, ele pagará bem caro a minha posse.

PÁTROCLO · Vossa resposta, senhor.

TERSITES · Passai bem, de todo o coração.

AQUILES · Ora, ele não está bem afinado hoje, não é verdade?

TERSITES · Não; está desafinado. Que música poderá ficar nele, depois que Heitor lhe fizer saltar os miolos, não saberei dizê-lo. Tenho certeza de que não ficará nenhuma, a menos que Apolo lhe arranque as tripas, para com elas fazer cordas.

AQUILES · Vamos, vai levar-lhe imediatamente uma carta.

TERSITES · Dai-me também igual incumbência para o cavalo dele, que é criatura mais capaz.

AQUILES · Como fonte enturvada tenho o espírito, sem que eu próprio consiga ver-lhe o fundo.

(*Saem Aquiles e Pátroclo.*)

TERSITES · Desejara que a fonte de vosso espírito voltasse a ficar límpida, para que eu pusesse um asno a beber nela. Preferira ser carrapato de carneiro a possuir uma ignorância tão valente.

(*Sai.*)

Ato IV • Cena I

Tróia. Uma rua.

Entram, por um lado, Enéias e um criado com uma tocha; pelo outro, Páris, Deífobo, Antenor, Diomedes e outros, com tochas.

PÁRIS · Parai! Quem está aí?

DEÍFOBO · É o nobre Enéias.

ENÉIAS · É o príncipe em pessoa? Se eu tivesse, príncipe Páris, como vós, motivos de tanto peso para no meu leito continuar a dormir, apenas uma celeste comissão me arrancaria da presença de minha companheira.

DIOMEDES ·

É o que eu penso, também, Senhor Enéias, muito bom dia.

PÁRIS · É um grego valoroso, Enéias; apertai-lhe a mão. A prova disso a temos na fala em que contastes como ele uma semana a fio, dia por dia, em vosso encaço sempre andava, no campo de batalha.

ENÉIAS · Salve, intrépido senhor, enquanto perdurarem nossas conversações nas tréguas amistosas. Porém ao ver-vos novamente armado: o mais sombrio desafio que a alma conceber possa e executar o brio.

DIOMEDES · Boa acolhida faz Diomedes a ambas as saudações. O sangue temos calmo neste momento. Salve, pois, enquanto continuar assim. Mas quando o tempo nos trazer as contendias, oh! por Jove! serei caçador de tua vida com todo o empenho, força e habilidade.

ENÉIAS · Hás de caçar um leão que até na fuga te mostrará o rosto. Em cortesia sincera e humana, és mui bem-vindo a Tróia. Pela vida de Anquises, és bem-vindo.

E agora juro pela mão de Vênus: não há homem com vida que a tal ponto dedique amor ao que matar deseja.

DIOMEDES · Simpatizamos nisso. Jove, deixa que Enéias viva — caso minha espada

não esteja fadada a dar-lhe glória — giros certos do sol mais de um milheiro! Mas para minha sede de alta fama, que a morrer venha, trespassadas todas as juntas, amanhã.

ENÉIAS · Até este instante, nos conhecemos bem.

DIOMEDES · Certo; e queremos ficar nos conhecendo pior, sem dúvida.

PÁRIS · Cumprimento não pode haver mais tétrico, amor odioso de maior nobreza de que eu tenha sabido. Que negócio, senhor, assim tão cedo?

ENÉIAS · Fui enviado para o Rei; a causa, porém, não sei dizê-la.

PÁRIS · Ao vosso encontro vem seu desígnio: é para conduzirdes este grego até a casa de Calcante e, lá chegado, lhe entregardes, pelo resgate de Antenor, a formosíssima Cressida. Assim, fazei-nos companhia, ou, se achardes melhor, ide na frente.

Penso seguramente, ou antes: creio com certa presunção, que o mano Tróilo dormiu lá esta noite. Despertai-o e a notícia lhe dai desta visita com todas as razões para isso mesmo.

Receio que sejamos bem mal vindos.

ENÉIAS · Posso jurar que Tróilo preferira que para a Grécia Tróia nós levássemos a levarmos Cressida aqui de Tróia.

PÁRIS · Não há remédio; a amarga compostura do tempo é que isso impõe. Segui; já vamos.

ENÉIAS · Bom dia para todos.

(*Sai.*)

PÁRIS · Nobre Diomedes, confessai-me agora, mas com sinceridade, do mais fundo do coração, da mais sincera e pura camaradagem: qual dos dois, segundo vossa opinião, merece a bela Helena: eu mesmo ou Menelau?

DIOMEDES · Os dois, a um tempo. Ficar com ela ele merece, visto ter vindo em seu encaço, sem escrúpulo

ter de nódoa nenhuma, neste inferno de dores e num mundo de trabalhos; como vós mereceis, também, guardá-la, já que em sua defesa — carecente tanto do gosto da desonra dela perdeis tantos amigos e tesouros. Ele, como um cornudo choramingas, beber deseja as fezes e o depósito de uma bebida insulsa e mui provada; vós, como libertino, prazer tendes em herdeiros gerar numas entranhas prostituídas. Igual peso tendes; mas quem ficar com essa devoluta terá um peso a mais: da prostituta. PÁRIS · Amargo sois para uma compatriota.

DIOMEDES · Ela é que é amarga para a pátria dela. Agora ouvi-me, Páris: para cada gota impura de seu lascivo sangue perdeu-se um grego, para cada escrópulo de sua carne pútrida foi morto um guerreiro troiano. Desde que ela soube falar, não disse bons vocábulos em proporção igual à quantidade da grega e da troiana mortandade. PÁRIS · Caro Diomedes, sois como os fregueses que o artigo menosprezam cobiçado. Mas seu valor, silentes, nós sabemos apreciar. Louvar não nos agrada o que não venderíamos por nada. É este nosso caminho.

(Saem.)

Ato IV · Cena II

*O mesmo. Pátio diante da casa de Pândaro.
Entram Tróilo e Cressida.*

TRÓILO · Querida, não vos apresseis; é fria por demais a manhã.

CRESSIDA · Então, meu doce senhor, terei de convocar o tio, para que ele abra a porta.

TRÓILO · Não, deixai-o. Para o leito de novo, para o leito!

Que o sono mate esses bonitos olhos e os sentidos te deixe tão tranqüilos como sono de criança que não pensa.

CRESSIDA · Bom dia, então.

TRÓILO · Repito: para o leito.

CRESSIDA · Estais farto de mim?

TRÓILO · Oh não, Cressida!

Se pela cotovia não tivesse sido acordado o dia barulhento que despertou os corvos luxuriosos, e a noite sonhadora não tivesse deixado de ocultar nossa ventura, de ti não me apartara.

CRESSIDA · Muito curta foi esta noite.

TRÓILO · Bruxa amaldiçoada!

Para as criaturas venenosas ela demora como o inferno interminável,

mas do abraço do amor sói esgueirar-se com asas tão velozes e fugazes como o próprio pensar. Ides esfriar-vos e culpar-me por isso.

CRESSIDA · Mais um pouco parai, vos peço. Os homens nunca esperam. Oh Cressida aloucada! Eu deveria ter resistido um pouco. Assim, teríeis esperado também. Ouvi! Há gente.

PÂNDARO (*dentro*) · Como! Todas as portas por aqui estão abertas?

TRÓILO · É vosso tio.

CRESSIDA · A peste que o carregue! Já vem com suas brincadeiras. Que vida vai ser a minha!

(Entra Pândaro.)

PÂNDARO · Então! Então! Como vão essas virgindades? Vós aí, senhor virgem: onde está minha sobrinha Cressida?

CRESSIDA · Ide enforcar-vos, tio zombeteiro; mandais que eu faça e, após, zombais de mim.

PÂNDARO · Fazer o quê? Fazer o quê? Ela que o diga: que foi que eu vos mandei fazer?

CRESSIDA · Vamos, vamos; maldito coração. Jamais sereis sensato, nem os outros deixareis jamais sê-lo.

PÂNDARO · Ah! ah! Pobre criança, pobre bonequinha! Não dormiste esta noite. Este sujeito malvado não te deixou dormir? Que o lobisomem venha carregá-lo.

CRESSIDA · Não vos havia dito? Desejara que a cabeça partido lhe tivessem.

(Batem à porta.)

Quem estará batendo? Ide, bom tio, ver quem está à porta. Novamente meu senhor, recolhei-vos ao meu quarto. Sorristes zombeteiro, por pensardes que falei por malícia.

TRÓILO · Ah! ah!

CRESSIDA · Enganais-vos; não penso nessas coisas.

(Batem à porta.)

Quanta insistência! Entremos, por obséquio.

Por metade de Tróia, não quisera

que fôsseis visto aqui.

(Saem Tróilo e Cressida.)

PÂNDARO *(dirigindo-se para a porta)* · Quem está aí?

Que aconteceu? Quereis derrubar a porta? Então, que é que houve?

(Entra Enéias.)

ENÉIAS · Bom dia, senhor; bom dia.

PÂNDARO · Quem está aí? É o meu senhor Enéias?

Por minha fé, não vos reconhecera.

Que novidades nos trazeis tão cedo?

ENÉIAS · O príncipe Tróilo está aí?

PÂNDARO · Aqui? Que haveria ele de fazer aqui?

ENÉIAS · Vamos, vamos; ele está aqui, meu senhor; não tendes necessidade de negar. Importa-lhe muito falar comigo neste instante.

PÂNDARO · Ele, aqui? Foi isso que dissestes? Isso é mais do que o que eu sei, poderia jurá-lo. Por minha parte, recolhi-me tarde esta noite. Que haveria ele de fazer aqui?

ENÉIAS · Ele? Nada. Vamos, vamos; depressa. Podereis causar-lhe prejuízo, antes de o perceberdes. Sois-lhe muito fiel, para querer traí-lo. É certo: não sabeis onde ele se acha; mas ide buscá-lo. Depressa!

(Volta Tróilo.)

TRÓILO · Olá! Que aconteceu?

ENÉIAS · Caro senhor, dificilmente sobra-me tempo para saudar-vos. Urge o assunto.

Vosso irmão Páris já vem vindo perto, Déifobo, Diomedes, cabo excelso dos gregos, e Antenor, que restituído nos acaba de ser. Em troca dele forçoso nos será, com toda a urgência, antes até do sacrifício, agora, entregar a Diomedes a senhora

Cressida.

TRÓILO · Resolvido já foi isso?

ENÉIAS · Por Príamo e o conselho dos troianos. Os outros vêm dar corpo à idéia.

TRÓILO ·

Como zomba de mim meu próprio triunfo!

Vou ao encontro deles. E, meu caro, por acaso, tão-só, nos encontramos; não me vistes aqui.

ENÉIAS · Bem, bem, senhor.

Os segredos da próprio natureza mais taciturnos não serão do que eu.

(Saem Tróilo e Enéias.)

PÂNDARO · Será possível? Perdido no próprio instante em que foi ganho? Que o diabo leve a Antenor! O moço príncipe vai enlouquecer, decerto. A peste para Antenor! Antes tivesse partido o pescoço.

(Volta Cressida.)

CRESSIDA · Então, que aconteceu? Quem esteve aqui?

PÂNDARO · Ah! ah!

CRESSIDA · Por que suspirais tão profundamente? Onde está o meu senhor? Saiu? Caro tio, dizei-me: que aconteceu?

PÂNDARO · Desejara estar tão embaixo da terra quanto estou em cima.

CRESSIDA · Oh deuses! Que aconteceu?

PÂNDARO · Entra, entra, por obséquio. Antes nunca tivesses nascido. Eu sabia que tu serias a morte dele. Pobre gentil-homem! A peste caia em Antenor.

CRESSIDA · Meu bom tio, suplico-vos de joelhos: que foi que aconteceu?

PÂNDARO · Terás de partir, rapariga; terás de partir; foste trocada por Antenor. Tens de ir para onde está teu pai e separar-te de Tróilo. Isso será a morte dele, a ruína dele. Não poderás suportar semelhante coisa.

CRESSIDA · Oh deuses imortais! Não, não partirei.

PÂNDARO · Não; é preciso.

CRESSIDA · Tio, não partirei; já não me lembro de meu pai. Não possuo o sentimento da consangüinidade. Não há sangue, alma, parente e afeto que me fale mais de perto do que o meu doce Tróilo.

Oh deuses altos! transformai o nome de Cressida no símbolo da própria

falsidade, vindo ela, em qualquer tempo.
a esquecer-se de Tróilo. O tempo! oh morte!
oh violência! fazei o que quiserdes
de extremos neste corpo, mas a base
resistente e a estrutura inabalável
de meu amor são como o próprio centro
da terra, que para ele chama tudo.

Entro, para chorar...

PÂNDARO · Vai, vai; faze isso.
CRESSIDA · Arrancar os cabelos luzidios,
desfigurar as faces tão louvadas,
de suspiros deixar a voz roufenha
e o coração partir ao som de “Tróilo”.
Não sairei de Tróia.

(Saem.)

Ato IV · Cena III

*O mesmo. Diante da casa de Pândaro.
Entram Páris, Tróilo, Enéias, Deífobo, Antenor e
Diomedes.*

PÁRIS · O dia está adiantado; a hora marcada
para entregarmos o valente grego
já está chegando. Meu bom mano Tróilo,
ide dizer à senhorita o que ela
tem de fazer, e ponde pressa em tudo.

TRÓILO · Entrai na casa dela; vou buscá-la
para entregá-la neste instante ao grego.

E quando em suas mãos a tiver dado,
imagina que as aras elas sejam,
e Tróilo teu irmão, o sacerdote
que o próprio coração sacrificasse.

(Sai.)

PÁRIS · Sei bem o que é o amor, e desejava,
pois que o mano lastimo, consolá-lo.
Vamos entrar, senhores, por obséquio.

(Saem.)

Ato IV · Cena IV

*O mesmo. Quarto na casa de Pândaro.
Entram Pândaro e Cressida.*

PÂNDARO · Sê moderada, sê moderada.
CRESSIDA · Por que em moderação vindes falar-me?
Completa, grande e aguda é a dor que sinto,
e tão violenta como a causa dela.
Se a paixão dilatar fosse possível,
mais fria e fraca ao paladar deixando-a,
diluir a própria dor conseguiria.
Mas meu amor escórias não conhece,
nem minha dor se abate a qualquer prece.

(*Entra Tróilo.*)

PÂNDARO · Aqui, aqui, aqui vem ele. Ah, pobre
patinho!

CRESSIDA · (*abraçando-o*) · Oh Tróilo! Tróilo!

PÂNDARO · Oh, que par eles formam! Permiti que
vos abrace também. “Oh coração”, como diz a bela
canção,

Oh coração aflito,
por que suspiras sem que a partir venhas?

Ao que ele responde:

Porque não deixas o pungir bendito,
com palavras macias nem roufenhas.
Nunca se viu uma rima tão verdadeira. Não
joguemos nada fora, porque dia haverá em que
teremos necessidade de um verso como este. É o que
estamos vendo agora, é o que estamos vendo agora.
Então, meus carneirinhos?

TRÓILO · Com tal pureza adoro-te, Cressida,
que os deuses imortais — estomagados
com meu fervor, de mais brilhante zelo
que a própria devoção que se alça fria
dos lábios para suas divindades —
de mim vieram tirar-te.

CRESSIDA · Então os deuses
inveja podem ter?

PÂNDARO · Sim, sim, sim; é fato muito patente.

CRESSIDA · E é verdade que eu saio hoje de Tróia.

TRÓILO · Uma verdade odiosa.

CRESSIDA · E terei mesmo
de deixar Tróilo?

TRÓILO · Tróia e também Tróilo.
 CRESSIDA · Será possível?
 TRÓILO · E neste instante tudo.
 O fado cruel recalca as despedidas,
 as dilações, violento, precipita,
 a nossos lábios frustra as esperanças
 de poderem tocar-se, com rudeza
 não nos permite entre laçar os braços
 e nossos tenros votos estrangula
 no próprio instante de nascer de nosso
 tão trabalhado e dolorido anélito.
 Nós dois que nos compramos com tão grande
 número de suspiros, obrigados
 a nos vender nos vemos por maneira
 tão miserável, na mais rude pressa
 de um murmúrio que apenas nos concedem.
 Veloz como o ladrão, o tempo pérfido
 empilha, sem saber de que maneira,
 quanto rouba de nós. Nossos adeuses,
 tão numerosos quanto os belos astros
 do firmamento, que seriam feitos
 com palavras distintas, reforçadas
 cada uma por um beijo, ele amarrotta
 num adeus muito frouxo e nos raciona
 com um beijo apenas, tão faminto e fraco,
 que o gosto amargo tem de nossas lágrimas.
 ENÉIAS (*dentro*) · Senhor, a senhorita já está pronta?
 TRÓILO · Ouvi: chamam por vós. Dizem que o Gênio
 diz: “Vinde!” para quem vai morrer logo. —
 Dizei que esperem; ela não demora.
 PÂNDARO · Onde ficaram minhas lágrimas? É
 preciso que chova, para acalmar esta tempestade;
 caso contrário, meu coração será arrancado pela raiz.
 (*Sai.*)
 CRESSIDA · Terei de ir para os gregos?
 TRÓILO · Que remédio!
 CRESSIDA · Triste Cressida entre os alegres gregos!
 Quando nos reveremos?
 TRÓILO · Ouve-me, amor. Se fores verdadeira...
 CRESSIDA · Eu, verdadeira? Que maldosa idéia!
 TRÓILO · Sejamos ternos até mesmo para
 censuras formular; este é o momento
 de nossa despedida. Não te disse
 “Se fores verdadeira”, porque tenha
 desconfiança de ti, pois atirara
 minha luva até mesmo para a morte,
 pela certeza de que mancha alguma

te enfeia o coração. Porém só disse
 “Se fores verdadeira”, para corpo
 dar à promessa que ora vou fazer-te:
 Se fores verdadeira, hei de rever-te.
 CRESSIDA · Oh, meu senhor! Assim vos exporíeis
 a infinitos perigos e iminentes.
 Mas serei verdadeira.
 TRÓILO · E eu vou tornar-me
 amigo do perigo. Usa este laço.
 CRESSIDA · E vós a luva. Quando nos veremos?
 TRÓILO · Hei de comprar as sentinelas gregas,
 para visitas te fazer noturnas.
 Por isso, sê-me fiel.
 CRESSIDA · Oh, céus! De novo,
 “fiel” e “verdadeira!”
 TRÓILO · Ouve, amor, por que falo desse modo.
 Todos os moços gregos são dotados
 de grandes qualidades; muito amáveis
 sempre se mostram, com talentos múltiplos
 que não lhes regateia a natureza
 e que a arte e os exercícios mais exaltam.
 A novidade pode ter influência...
 Ah! uma espécie de piedoso ciúme —
 podes chamá-lo de pecado santo —
 me infunde esse receio.
 CRESSIDA · Tu não me amas.
 TRÓILO · Então, que eu morra como um celerado.
 Assim falando, em dúvida não ponho
 tanto a sinceridade que te é própria,
 como meu próprio mérito. Que coisa
 seja cantar, não sei, dar grandes saltos,
 manter conversações adocicadas,
 dirigir sutis jogos, qualidades
 muito altas todas elas, em que excelem
 sobremaneira os gregos. Porém digo-te
 que em cada adorno desses um demônio
 se acoita, silencioso e insinuante,
 hábil para tentar. Por isso mesmo,
 foge da tentação.
 CRESSIDA · Julgais que o queira?
 TRÓILO · Não.
 Mas muita coisa acontecer costuma
 contra nossa vontade, e algumas vezes
 viramos em demônios de nós mesmos,
 quando tentamos a fragilidade
 de nossas forças, por demais confiantes
 em sua inabalável resistência.

ENÉIAS (*dentro*) · Então, meu bom senhor!

TRÓILO · Vamos, um beijo, para separarmo-nos.

PÁRIS (*dentro*) · Mano Tróilo!

TRÓILO · Bondoso irmão, entrai,
e convosco trazei o grego e Enéias.

CRESSIDA · Senhor, ser-me-eis fiel?

TRÓILO · Esse é meu vício, meu defeito. Enquanto
com astúcia outros pescam grande fama,
eu, com verdade grande, apanho apenas
simplicidade; enquanto os outros douram
com arte o cobre das coroas próprias,
com lealdade e franqueza eu uso a minha
tal como é: desornada. Nada temas
de minha fé, pois a divisa certa
de meu caráter é: “Simplicidade,
lealdade muita”; abarcar mais não há de.

(*Entram Enéias, Antenor, Deífobo e Diomedes.*)

Muito bem-vindo sois, senhor Diomedes.

Eis aqui a senhora que vos damos
em troca de Antenor. Quando chegarmos
às portas da cidade, hei de entregar-ta;
de caminho, dir-te-ei quanto ela vale.

Trata bem dela; e, por minha alma, belo
grego, se em qualquer tempo te encontrares
à mercê de meu gládio, basta o nome
dizeres de Cressida, para a vida
teres segura como em Ílio Príamo.

DIOMEDES · Bela dama Cressida, dispensai-me
dos agradecimentos — peço-o instante —
que este príncipe espera, pois o brilho
de vossos olhos, as celestes faces,
ao mais distinto tratamento obrigam.

De Diomedes sereis sempre a senhora,
tendo sobre ele mando incontestável.

TRÓILO · Grego, comigo não estás usando
de boa cortesia, pois o zelo
de meu pedido humildas, com fazeres
tal elogio dela. Assim, afirmo-te,

senhor da Grécia, que ela tanto acima
paíra de teus louvores quanto indigno
és de poderes ser criado dela.

Trata bem dela, digo, mas por causa
da recomendação que ora te faço,
que, do contrário, pelo grande Pluto,
mesmo que por baluarte dispusesse
do colossal Aquiles, o pescoço
saberia cortar-te.

DIOMEDES · Oh! não seja isso,
príncipe Tróilo, causa de desgosto.
Deixai que os privilégios de meu cargo
me permitam falar com liberdade.
Quando daqui eu já tiver partido,
atenderei somente a meu desejos.
Mas sabei, meu senhor, que nada faço
sob injunção. Segundo o próprio mérito
ela será louvada. Mas se vierdes
ordens me impor ou mandamento vão,
a honra me leva, e o brio, a dizer “Não”.
Senhora, vossa mão; e, de caminho,
conversar poderemos bem baixinho.

(*Saem Tróilo, Cressida e Diomedes. Ouve-se um toque de trombeta.*)

PÁRIS · É a trombeta de Heitor.

ENÉIAS · Como gastamos
esta manhã! Há de pensar o príncipe
que sou tardo e remisso, eu que jurara
cavalgar antes dele para a pugna.

PÁRIS · A culpa foi de Tróilo. Vamos logo
para a planície e a ele nos juntemos.

DEÍFOBO · Ponhamos pressa nisso.

ENÉIAS · Sim, com a alacridade de uma noiva
nas pegadas de Heitor sigamos logo.
A honra de nossa Tróia neste dia
depende apenas da cavalaria.

(*Saem.*)

Ato IV · Cena V

O acampamento grego. Liça preparada.

*Entram Ajaz, armado; Agamémnone, Aquiles, Pátroclo
Menelau, Ulisses, Nestor e outros.*

AGAMÉMNONE · Aqui te encontras fresco e bem
disposto,

antecipando o tempo com coragem
bem despertada. Para Tróia envia
uma nota estridente de trombeta,
oh destemido Ajaz! para que o ar tímido
perpasse pela frente de teu grande
adversário e até aqui o traga logo.

AJAZ · Aqui tens, trombeteiro, minha bolsa.
Arrebenta os pulmões, em lascas deixa
teu canudo de bronze. Vamos, biltre,
sopra até que as esféricas bochechas
mais tens deixes do que a própria cólica
de Áquilo distendido. Enfuna o peito,
faze que o sangue espirre desses olhos,
porque chamas Heitor.

(*Toque de trombeta.*)

ULISSES · Não nos responde
trombeta alguma.

AQUILES · É muito cedo ainda.

AGAMÉMNONE ·

Não é Diomedes que eu além diviso,
com a filha de Calcante?

ULISSES · Justamente;
conheço pelo andar: anda na ponta,
sempre, dos pés. O brio próprio, creio,
em seus anelos do chão duro o eleva.

(*Entra Diomedes com Cressida.*)

AGAMÉMNONE · Essa é a jovem Cressida?

DIOMEDES · Justamente;

AGAMÉMNONE · Boas-vindas dos gregos, amistosas,
recebei, senhorita.

NESTOR · Com um beijo
o vosso general vos cumprimenta.

ULISSES · Mas é mui singular delicadeza;
melhor fora em geral todos beijá-la.

NESTOR · Alvitre mui cortês; vou dar início.
Isto é para Nestor.

AQUILES · De vossos lábios
vou expulsar o inverno, linda jovem.

Aquiles vos saúda.

MENELAU · Outrora eu tinha
para beijar motivos mui plausíveis.

PÁTROCLO · Razão isso não é para beijardes
presentemente. Assim como eu, agora,

o moço Páris, cheio de ardimento,
longe vos atirou desse argumento.

ULISSES (*apontando para Menelau*) ·
Oh causa de desgraça imorredoura!

Com nosso sangue os cornos ele doura.

PÁTROCLO · De Menelau foi seu primeiro beijo;
de Pátroclo é este agora, não sobejo.

MENELAU · Oh! muito fino.

PÁTROCLO · Páris e eu, contigo
procedemos em beijos como amigo.

MENELAU · Vou ter o meu. Com vossa permissão.

CRESSIDA · Se me beijardes, dais ou sois ladrão?

MENELAU · Uma e outra coisa.

CRESSIDA · De perder não gosto;
ganhais mais do que dais; sobre isso aposto.
Assim, não tendes beijo.

MENELAU · Tereis bom lucro: dou-vos três por um.

CRESSIDA · Sois ímpar; dai aos pares, ou nenhum.

MENELAU · Ímpar, senhora? Todos nós o somos.

CRESSIDA ·

Não, Páris não; sabeis que ele um bom par
contra o vosso querer chegou a formar.

MENELAU · Na testa me bateis.

CRESSIDA · Há testemunha?

ULISSES · Que luta desigual: chifre contra unha!
Posso pedir-vos, senhorita, um beijo?

CRESSIDA · Podeis.

ULISSES · É o que desejo.

CRESSIDA · Então, pedi.

ULISSES ·

Dai-mo, por Vênus, virgem quando Helena
voltar a ser e do marido plena.

CRESSIDA · Fico-o devendo até poder pagá-lo.

ULISSES · Já sei, então, que nunca hei de alcançá-lo.

DIOMEDES · Com permissão, senhora: vou levar-vos
a vosso pai.

(*Sai Diomedes, conduzindo Cressida.*)

NESTOR · Que espírito aguçado!

ULISSES · Oh! que a leve a breca! Têm linguagem
os olhos dela, os lábios, as bochechas;

até os pés dela falam. Os espíritos
voluptuosos espreitam dos menores
órgãos e juntas de seu belo corpo.

Oh! essas raparigas muito fáceis,
de língua movediça, que antecipam
as boas-vindas a quem quer que passe,
e as folhas escancaram dos sentidos
para qualquer leitor impertinente!

Tende-a na conta de despojos sórdidos
do momento, de filhas, só, do ganho.

(*Ouve-se um toque de trombeta.*)

TODOS · Trombeta dos troianos!

AGAMÉMNONE · Ei-los que chegam.

(*Entram Heitor, armado; Enéias, Tróilo e outros troianos,
com séquito.*)

ENÉIAS · Capitães gregos, viva! Que faremos
com o vencedor? Pensais em tornar pública

a vitória alcançada? Os cavaleiros
deverão esforçar-se ao ponto máximo,
ou em tempo poderão ser apartados
por ordem ou sinal do acampamento?
É o que pergunta Heitor.

AGAMÉMNONE · Que prefere ele?
ENÉIAS · É indiferente; acata as condições.

AQUILES · A atitude é de Heitor, mas presunçosa,
com uma ponta de orgulho e grande dose
de menosprezo para o cavaleiro
com que vai combater.

ENÉIAS · Se vosso nome
não for Aquiles, qual será, senhor?

AQUILES · Nenhum, se não for esse.

ENÉIAS · Então, é Aquiles.

Seja qual for, porém, ficai sabendo
que a coragem e o orgulho se distinguem
em Heitor pela grande diferença
que há entre o grande e o mínimo; a primeira,
quase tão infinita como o todo;
o segundo, pequeno como o nada.

Pesai-o bem e haveis de convencer-vos
de que é fineza o que parece orgulho.
Meio sangue de Heitor tem este Ajaz.

Por amor dele, assim, metade em casa
ficou de Heitor, metade de seu brio.

Meio Heitor é que vai achar na liça
o híbrido cavaleiro que, em verdade,
de troiano e de grego tem metade.

AQUILES · É um combate de moças? Bem;
compreendo.

(Volta Diomedes.)

AGAMÉMNONE · Eis o senhor Diomedes. Cavaleiro,
de padrinho servi ao nosso Ajaz.

Tal como decidirdes com Enéias,
assim será: ou luta ao ponto extremo,
ou somente alguns passes. São parentes,
o que em parte harmoniza os combatentes.

(Ajaz e Heitor entram na liça.)

ULISSES · Ei-los que se defrontam.

AGAMÉMNONE · Que troiano
é aquele de aparência acabrunhada?

ULISSES · É dos filhos de Príamo o mais moço,
cavaleiro integral; ainda imaturo.
mas já sem semelhante; de linguagem
firme, de ações que falam por si mesmas
e inativo de língua. Mui difícil

de irritar-se; porém, quando irritado,
não se deixa acalmar mui facilmente.
De mãos e coração abertos sempre,
pois dá o que tem e mostra quanto pensa,
porém só dá, quando a razão lhe guia
a liberalidade, nunca honrando
qualquer idéia indigna com seu hálito.
Valente quanto Heitor, porém muitíssimo
mais perigoso, pois Heitor, por vezes,
no chamejar da cólera, submete-se
a imagens delicadas, enquanto este,
na ardor da ação mais vingativo é sempre
do que o ciumento amor. Chamam-lhe Tróilo;
uma nova esperança todos fundam
sobre ele, de conspecto mais formoso
do que o de Heitor. Assim me disse Enéias,
que conhece o rapaz às polegadas
e, em confiança, no burgo da alta Tróia,
me fez o seu retrato.

(Fanfarras. Heitor e Ajaz se batem.)

AGAMÉMNONE · Começaram.

NESTOR · Agüenta firme, Ajaz!

TRÓILO · Heitor, que é isso?
Estás dormindo? Acorda!

AGAMÉMNONE · Os golpes dele
são bem distribuídos. Aí, Ajaz!

DIOMEDES ·

Não deveis prosseguir.

(Toque de cessar a luta.)

ENÉIAS · Basta, meus príncipes.

AJAZ · Mal me esquentei; deixai-nos continuar.

DIOMEDES · Como quiser, Heitor.

HEITOR · Bem; nesse caso,
não quero mais. Nobre senhor, és filho
de uma irmã de meu pai e, assim, decerto,
primo-irmão dos que viemos do alto Príamo.
Os laços consangüíneos nos impedem
de ir até o fim de uma mortal compita.
Se de grego e troiano apresentasses
a compostura, a ponto de poderes
declarar: "Esta mão é toda grega;
esta, apenas troiana; desta perna
são gregos os tendões; desta, troianos;
na destra face há só materno sangue,
mas na esquerda o de meu pai circula..."
então, por Jove onipotente, juro
que nenhum membro grego levarias

para casa, sem que meu gládio houvesse deixado a marca deste nosso encontro.

Porém os deuses justos não consentem que uma só gota do materno sangue, de minha tia sacra, derramada possa ser por meu gládio destruidor.

Ajaz, permite que te abrace! Pelo deus que troveja, teus possantes braços senti-los quer Heitor desta maneira:

honras, primo, te sejam conferidas!

AJAZ · Agradeço-te, Heitor; és muito nobre e muito generoso. Aqui viera

para matar-te, primo, e carregado de glórias retornar com tua morte.

HEITOR · Até mesmo Neoptólemo, o famoso, em cujo capacete reluzente

proclama a Fama o seu pregão mais alto:

“Ei-lo aqui!” poderia vangloriar-se

de enriquecer-se com uma só partícula

de honra a Heitor arrancada.

ENÉIAS · Ambas as partes

ansiosas se acham por saber o que ides fazer daqui por diante.

HEITOR · Respondemos-lhes:

será o resto um abraço. Adeus, Ajaz.

AJAZ · Se eu pudesse esperar ser atendido

num pedido — o que muito raramente

me tem acontecido — convidara

meu primo ilustre para visitar-nos

em nosso acampamento.

DIOMEDES · Esse é o desejo

de Agamémnone e, assim, do grande Aquiles, ver o valente Heitor em suas armas.

HEITOR · Enéias, chama aqui o mano Tróilo

e anuncia esta amável entrevista

aos que do nosso lado nos esperam.

Manda que voltem para Tróia. Primo,

dá-me a mão. Sentar-me-ei contigo à mesa

para admirar os cavaleiros gregos.

AJAZ · Agamémnone vem para este lado.

HEITOR · Nomeai-me os mais distintos, excetuando-se

tão-só Aquiles, porque com meus olhos

perscrutadores saberei achá-lo

por sua alta e imponente compostura.

AGAMÉMNONE ·

Digno guerreiro, és tão bem-vindo como

ser poderias a quem desejasse

livre ficar de um inimigo desses.

Mas isso não é dar as boas-vindas.

Vou ser mais claro. Os feitos do passado,

quantos estão por vir, ora se encontram

de palha recobertos e do entulho

do esquecimento informe. Mas agora,

a lealdade e a boa-fé, inteiramente

libertas de qualquer constrangimento

partidário, apresentam-te com a sua

divina integridade as boas-vindas

valente Heitor, do coração mais puro.

HEITOR · Agamémnone augusto, agradecido.

AGAMÉMNONE · (*a Tróilo*)

Outro tanto vos digo, meu mui grande

senhor de Tróia.

MENELAU · Conformar deixai-me

os cumprimentos de meu alto mano.

Oh par de irmãos guerreiros, sois bem-vindos.

HEITOR · A quem devemos dar nossa resposta?

ENÉIAS · Ao nobre Menelau.

HEITOR · Oh! vós, senhor?

Pela luva de Marte, agradecido.

Não estranheis a jura inusitada.

Vossa *quondam* esposa também jura

pelas luvas de Vênus. Vai passando

muito bem de saúde, mas lembranças

por mim não vos mandou, tenho certeza.

MENELAU · Não me faleis, senhor, no nome dela;

é assunto delicado.

HEITOR · Oh! causo ofensa.

Peço perdão.

NESTOR · Bastantes vezes, nobre

troiano, já te vi como preposto

do destino, picada cruel abrindo

pelas fileiras dos rapazes gregos.

Vi-te, como Perseu tão caloroso,

calcar esporas no ginete frígio

desprezando os perigos e as conquistas,

mantendo no ar, suspensa, tua espada,

porque sobre os caídos não caísse.

Então dizia aos que me cercavam:

“Eis Júpiter que vida distribui!”

Também te vi parar e tomar fôlego,

quando inúmeros gregos te cercavam.

como se fosses lutador olímpico.

Tudo isso eu vi; mas esse rosto, sempre

de aço coberto, nunca vira até hoje.

Conheci teu avô, tendo lutado
com ele de uma feita. Bom guerreiro!
Mas, pelo grande Marte, comandante
de todos nós, igual a ti, oh, nunca!
Permite que te abrace agora um velho
e, mui digno guerreiro, as boas-vindas
te dê em nossas tendas.

ENÉIAS · Esse é o velho Nestor.

HEITOR · Permite que te abrace, venerável
crônica, que de mãos entrelaçadas
com o tempo tens marchado. Venerando
Nestor, muito me alegra ora abraçar-te.

NESTOR · Oh! se pudesse contender contigo
meu braço, como o faz em cortesia!

HEITOR · Também eu o desejara.

NESTOR · Ah!

Por esta barba branca, amanhã mesmo
lutaria contigo. És mui bem-vindo,
sim, mui bem-vindo. Quando eu era moço...

ULISSES · Não posso compreender como a cidade
continue de pé, se entre nós se acha
seu pilar-mestre, os próprios alicerces.

HEITOR · Conheço-vos os traços, lorde Ulisses,
perfeitamente. Oh! muitos, muitos gregos
e troianos morreram, desde o dia
em que, na companhia de Diomedes
vos vi em Tróia como embaixadores
do acampamento grego.

ULISSES · Naquela hora.
senhor, eu vos predisse o que haveria
de acontecer, e minha profecia
já percorreu metade do caminho.

Pois aquelas muralhas que, arrogantes,
circundam vosso burgo, aquelas torres
que se açam petulantes para as nuvens,
os próprios pés hão de beijar um dia.

HEITOR · Não creio nisso. Ali ainda se acham
nossas muralhas, e modestamente
sou de opinião que a queda de cada uma
pedra frígia uma gota vai custar-vos
de sangue grego. O fim coroa tudo,
e o tempo, o velho arbitrador das coisas,
há de um dia pôr fim a essa contenda.

ULISSES ·

A ele então a entreguemos. Sois bem-vindo,
muito gentil e muito bravo Heitor.

Depois do general eu desejara
ser o primeiro a receber a vossa
visita em minha tenda.

AQUILES · Nesse ponto
vou passar em tua frente, lorde Ulisses.
Heitor, já saciei em ti os olhos;
examinei-te, Heitor, com bem cuidado,
membro por membro.

HEITOR · Não será Aquiles?

AQUILES · Chamo-me Aquiles.

HEITOR · Fica, então, de lado,
para que eu possa ver-te.

AQUILES · Olha à vontade.

HEITOR · Já vi quanto queria.

AQUILES · És muito rápido.

Noutra ocasião desejo contemplar-te
membro por membro, como se tivesse
intenção de comprar-te.

HEITOR · Oh! como a livro alegre vais folhear-me;
mas há coisas em mim que não compreendes.
Por que em olhar-me desse modo insistes?

AQUILES ·
Mostrai-me, oh céus! em que região do corpo
terei de aniquilá-lo. Ali ou ali?

Porque para localizar possa a ferida
e nome dar à brecha por onde há de
fugir o grande espírito de Heitor,
céus, respondi-me!

HEITOR · Descrédito seria para os deuses,
orgulhoso varão, cabal resposta
dar a uma questão dessas. Mas espera:
julgas mesmo que a vida vais tirar-me
tão facilmente assim, que até possível
te será predizer ociosamente
onde vais acertar o mortal golpe?

AQUILES · Respondo-te que sim.

HEITOR · Mesmo que fosses
um oráculo, não te dera crédito.

Tem cuidado contigo doravante,
porque não vou matar-te neste ponto
nem neste aqui, nem neste. Pela forja
em que Marte aprestou seu capacete,
por toda a parte hei de tirar-te a vida,
a vida toda e toda. Sábios gregos,
desculpai-me a jactância, mas o orgulho
deste homem é que tira de meus lábios
semelhantes tolices. Porém hei de

me esforçar para pôr de acordo os atos
com este meu discurso, ou nunca mais...

AJAZ · Não te exasperes, primo. E vós, Aquiles,
deixai de parte as ameaças, para
quando o acaso das pugnas ou a vontade
vos fizer encontrar. Todos os dias
podereis ter Heitor à saciedade,
se apetite tiverdes. Porém temo
que os próprios chefes não dispõem de meio
para vos demover a procurá-lo.

HEITOR · Desejo ver-vos outra vez nos prélios.

Só temos tido escaramuças, desde
que abandonaste a causa dos aquivos.

AQUILES · É um desafio, Heitor? Pois encontrar-te
pretendo amanhã mesmo, tão terrível
como a morte. Mas hoje à noite, amigos.

HEITOR · A mão me estende e o pacto confirmemos.

AGAMÉMNONE · Primeiramente, príncipes da Grécia,
vamos a minha tenda, para, juntos,
nos banquetearmos. Ao depois, conforme
mais de acordo ficar com as horas vagas
de Heitor e vossa liberalidade,
cada um o convidará em separado.

Que alto soe o tambor, o alarma forte
porque o herói exaltemos desta sorte.

(Saem todos, com exceção de Tróilo e Ulisses.)

TRÓILO · Senhor Ulisses, revelai-me, peço-vos,
em que parte do campo, de costume
tem Calcante seu pouso.

ULISSES · Na barraca
de Menelau, mui principesco Tróilo.
Com Diomedes é lá que hoje ele ceia,
o qual já não enxerga céu nem terra,
mas todo o olhar emprega na amorosa
contemplação da fúlgida Cressida.

TRÓILO · Obrigado, senhor, eu vos ficara
se, depois que saíssemos da tenda
de Agamémnone, lá me conduzísseis.

ULISSES · Senhor, inteiramente a vossas ordens.
Mas dizei-me, também, por gentileza,
que fama tinha em Tróia essa Cressida?
Deixado não terá nenhum amante,
que chore sua ausência?

TRÓILO ·

Oh, meu senhor! Quem mostra, por jactância,
as próprias cicatrizes, só merece
ser alvo de galhofa. Mas não vindes?
É amada, amou... Mas da fortuna ao dente
não pode resistir o amor ardente.

(Saem.)

Ato V · Cena I

O acampamento grego. Diante da tenda de Aquiles.

Entram Aquiles e Pátroclo.

AQUILES ·

Com vinho grego o sangue hoje lhe aqueço,
para amanhã, com minha cimitarra,
deixá-lo outra vez frio. Festejemo-lo,
Pátroclo, da maneira mais grandiosa.

PÁTROCLO · Aí vem Tersites.

(Entra Tersites.)

AQUILES · Pústula de inveja,
casca da natureza, que há de novo?

TERSITES · Oh pintura do que pareces ser o ídolo de
adoradores idiotas! aqui está uma carta para ti.

AQUILES · De onde veio, fragmento?

TERSITES · Ora, prato de tolices: de Tróia.

PÁTROCLO · Quem está agora na tenda?

TERSITES · O estojo do cirurgião ou a ferida do
paciente.

PÁTROCLO · Bravo, rabulista! E para que servem
esses trocadilhos?

TERSITES · Por obséquio, rapaz, fica quieto; não
lucro nada com teu palavreado. Passas por ser criado
macho de Aquiles.

PÁTROCLO · Criado macho, biltre? Que significa
isso?

TERSITES · Ora, sua prostituta masculina. Agora,
que todas as doenças infectas do sul, as câibras
intestinais, as rupturas, catarros, um saco de cálculos
no dorso, letargias, paralisias frias, inflamações
dos olhos, podridão do fígado, ingurgitamento
dos pulmões, empolas cheias de tumores, ciática,

calcinação da palma das mãos, dor incurável nos ossos e as erupções permanentes das impingens caíam muitas e muitas vezes sobre essas notórias abominações.

PÁTROCLO · Oh miserável alforje de inveja! Que pretendes com esse chorrilho de maldições?

TERSITES · Amaldiçoei-te?

PÁTROCLO · Não, não, barrica apodrecida; não, maldito cão bastardo; não!

TERSITES · Não? Por que motivo, então, ficas exasperado, meada imponderável e inútil de seda crua, emplastro de tafetá verde para olho doente, borla de bolsa de um pródigo? Ah! Como o pobre mundo fica empestado com essas moscas d'água, essas coisinhas minúsculas da natureza!

PÁTROCLO · Vai embora, fel!

TERSITES · Peste!

AQUILES · Meu mui querido Pátroclo, impedido quase de todo estou no meu propósito de voltar amanhã para a batalha.

Uma carta mandou-me a Rainha Hécuba e uma grata lembrança de sua filha, meu adorado amor, que me concitam com insistência, porque o juramento por mim feito eu não venha a quebrar nunca. Jamais o quebrarei. Morrei, aquivos! Honra e fama, sumi! Vou de resvalo. Meu maior voto é aquele; hei de guardá-lo. Vamos, Tersites, arrumar a tenda; a noite hoje vai ser-nos estupenda. Pátroclo, vem comigo.

(Saem Aquiles e Pátroclo.)

TERSITES · Com tamanho excesso de sangue e tão pouco cérebro, esses dois poderão acabar loucos; mas se derem em doidos por excesso de cérebro e míngua de sangue, desejo eu mesmo ser o médico desses loucos. Aí está Agamémnone, sujeito suficientemente honesto, que aprecia as raparigas, mas que não tem mais cérebro do que cera de ouvido; e seu irmão, também, aquela esplêndida metamorfose de Júpiter, o touro, a estátua primordial, o monumento sinuoso do chifrudo, instrumento dócil e sempre pendurado à perna do irmão... Que outra forma, a não ser a própria, poderia dar-lhe o espírito lardeado com malícia ou a malícia forrada de espírito? A de asno não lhe serviria, que ele é a um tempo asno e boi; a de boi, também não, que ele é a um tempo boi

e asno. Ser eu um cão, mula, doninha, galo, lagarto, sapo, coruja, gavião ou arenque sem milhares, pouco se me dava; mas ser Menelau! Rebelar-me-ia contra o destino. Não me pergunteis o que eu desejara ser, se não fosse Tersites, pois não me importaria ser piolho de morfético, contanto que não fosse Menelau. Olá! espírito com fogo!

(Entram Heitor, Tróilo, Ajaz, Agamémnone, Ulisses, Nestor, Menelau e Diomedes, com tochas)

AGAMÉMNONE · Oh! erramos, erramos o caminho.

AJAZ · Não, é ali mesmo, onde enxergamos luzes.

HEITOR · Incomodo-vos?

AJAZ · Não; de forma alguma.

ULISSES · Ei-lo que chega; vai servir de guia.

(Volta Aquiles.)

AQUILES · Bem-vindo, bravo Heitor; bem-vindos, príncipes.

AGAMÉMNONE · Agora, bravo príncipe de Tróia, desejo-vos boa noite; Ajaz a escolta comandará que vai reconduzir-vos.

HEITOR · Agradecido e boa noite a todos os comandantes gregos.

MENELAU · Sim, boa noite.

HEITOR · Boa noite, suave Menelau.

TERSITES · Suave cloaca. "Suave", foi o que ele disse; sim suave esgoto, suave monturo.

AQUILES · Boa noite e boas-vindas, a um só tempo, para os que vão ou ficam.

AGAMÉMNONE · Sim, boa noite.

(Saem Agamémnone e Menelau.)

AQUILES · Velho Nestor, ficai; e vós, Diomedes; por uma hora ou duas, companhia fazei a Heitor.

DIOMEDES · Não, isso é-me impossível; um negócio de monta ora me chama.

Boa noite, grande Heitor.

HEITOR · Sim, dai-me a mão.

ULISSES *(à parte, a Tróilo)* ·

Segui a tocha dele; vai direto

à tenda de Calcante. Irei convosco.

TRÓILO · Caro senhor, honrais-me.

HEITOR · Boa noite.

(Sai Diomedes; Ulisses e Tróilo o seguem.)

AQUILES · Vinde, vinde; entremos na tenda.

(Saem Aquiles, Heitor, Ajaz e Nestor.)

TERSITES · Esse Diomedes é um pulha de coração fingido, um biltre desonesto; confio tanto em

seu sorriso refalsado como no silvo da serpente. Em matéria de promessas, ele faz tanto barulho como cachorro ladrador; mas, quando se trata de cumpri-las, os astrônomos poderão predizer o acontecimento como verdadeiro prodígio, qualquer alteração em perspectiva. O sol receberá luz da lua,

quando Diomedes cumprir o que promete. Prefiro renunciar a ver Heitor, a deixar de ir no enalço dele. Dizem que ele arranjou uma rameira troiana e que se utiliza da tenda do traidor Calcante. Vou segui-lo. É só luxúria; por toda parte, libertinos!

(*Sai.*)

Ato V · Cena II

*O mesmo. Diante da lenda de Calcante.
Entra Diomedes.*

DIOMEDES · Como é? Já estão de pé por aqui?
Ninguém responde?

CALCANTE (*dentro*) · Quem chama?

DIOMEDES · Diomedes. É Calcante, não? Onde está vossa filha?

CALCANTE (*dentro*) · Já vem.

(*Entram Tróilo e Ulisses, que se conservam a distância;
Tersites os segue.*)

ULISSES · Fiquemos onde a tocha não nos mostre.
(*Entra Cressida.*)

TRÓILO · Cressida, vem falar-lhe.

DIOMEDES · Como passa
minha pupila?

CRESSIDA · Oh! meu tutor amável!
Escutai-me um momento.

(*Segreda-lhe alguma coisa.*)

TRÓILO · Assim tão íntimos!

ULISSES · Solfejar ela pode qualquer homem,
logo à primeira vista.

TERSITES · É isso mesmo: qualquer homem poderá cantá-la; para isso bastará conhecer a clave, que ela está cheia de notas.

DIOMEDES · Ainda vos lembrais?

CRESSIDA · Se ainda me lembro? Como não!

DIOMEDES ·

Então cumpri, deixando os sentimentos
de acordo com as palavras.

TRÓILO · Que é que ela lembrar deve?

ULISSES · Silêncio!

CRESSIDA · Não me tenteis para outras maluquices,
grego doce e meloso.

TERSITES · Velhacaria!

DIOMEDES · Nesse caso...

CRESSIDA · Falar-vos vou sobre isso.

DIOMEDES · Ora, tolice! Já ficais perjura.

CRESSIDA ·

Dou-vos minha palavra; é-me impossível.
Que desejais que eu faça?

TERSITES ·

Um passe de mágica: abrir-se em segredo.

DIOMEDES · Que me jurastes dar?

CRESSIDA ·

Não, por obséquio;
não insistais sobre esse juramento.
Pedi-me o que quiserdes, doce grego,
mas não me peçais isso.

DIOMEDES · Boa noite.

TRÓILO · Não me abandones, paciência!

ULISSES · Então, troiano?

CRESSIDA · Diomedes...

DIOMEDES · Não, não; boa noite. Não desejo
continuar como vosso bobo.

TRÓILO · Tal como alguém melhor.

CRESSIDA ·

Um momentinho;

Vou segredar-vos algo.

TRÓILO · Oh! peste e loucura!

ULISSES · Príncipe, estais muito abalado; vamo-nos
embora, por obséquio, porque vosso
desagrado não venha a assumir forma
de ásperas expressões. É perigoso
por demais o terreno e ameaçadora
de morte esta ocasião. Saiamos logo.

TRÓILO · Olhai!

ULISSES · Não, meu senhor; convém sairdes.
Estais ficando perturbado. Vinde!

TRÓILO · Fica mais, por favor.

ULISSES ·

Não, que a paciência
já vos está faltando.

TRÓILO · Não; concito-vos
a ficar. Pelo inferno e seus tormentos,
já não direi mais nada.

DIOMEDES ·

Então, boa noite.

CRESSIDA · Partis aborrecido?
TRÓILO · E isso te ofende?
 Fidelidade murcha!
ULISSES · Então, senhor?
TRÓILO · Por Jove, vou conter-me.
CRESSIDA · Caro guardião! Meu grego!
DIOMEDES · Adeus, adeus; estais com subterfúgios.
CRESSIDA · Não, afirmo-vos; vinde aqui de novo.
ULISSES · Algo vos faz tremer assim, meu príncipe.
 Por que não ides logo? Estais no ponto
 de arrebentar.
TRÓILO · Ela lhe faz carícias,
 batendo-lhe no rosto.
ULISSES · Vinde, vinde!
TRÓILO · Parai, por Jove. Vou ficar calado.
 Minha vontade separada se acha
 de toda humilhação por muro espesso
 de paciência. Ficai mais uns momentos.
TERSITES · Como o demônio da luxúria, de ventre
 enxundioso e dedos de batata faz cócegas naqueles
 dois! Ferve, luxúria, ferve!
DIOMEDES · Afinal, concordais?
CRESSIDA · Concordo, pronto!
 Caso contrário, não me deis mais crédito.
DIOMEDES ·
 Dai-me um penhor, para eu ficar tranqüilo.
CRESSIDA · Já já vos trarei um.

(Sai.)

ULISSES · Jurastes ter paciência.
TRÓILO · Não temais
 nada, caro senhor. Já não desejo
 ser quem sou nem tomar conhecimento
 do que possa sentir. Sou só paciência.
 (Volta Cressida.)

TERSITES · Eis o penhor! Agora! Agora!
CRESSIDA · Aqui, Diomedes, trago-te uma fita.
TRÓILO · Oh beleza! onde está tua verdade?
ULISSES · Senhor...
TRÓILO · Prometo-vos ficar tranqüilo,
 pelo menos por fora.
CRESSIDA · Estais vendo esta fita? Contemplai-a...
 Ele me amava... Oh rapariga falsa!
 Restituí-ma.
DIOMEDES · De quem era a fita?
CRESSIDA ·
 Pouco importa, uma vez que é outra vez minha.
 Amanhã à noite já não nos veremos;
 não me visites outra vez, Diomedes.

TERSITES · Agora ela o está afiando. Muito bem,
 pedra de amolar!
DIOMEDES · Terá de pertencer-me.
CRESSIDA · Quê?
DIOMEDES · A fita.
CRESSIDA · Oh deuses altos! Oh penhor mimoso!
 Teu dono, neste instante, está no leito,
 a pensar em nós dois. Solta suspiros,
 toma de minha luva e nela imprime
 beijos inolvidáveis, como o faço
 contigo agora. Não deveis tomar-ma,
 que o coração, com ela, me arrancáreis.
DIOMEDES · Já tenho vosso coração comigo;
 isso apenas o segue.
TRÓILO · Prometi-vos
 que seria paciente.
CRESSIDA · Não, Diomedes,
 não haveis de obtê-la. Falo sério.
 Dar-vos-ei outra coisa.
DIOMEDES · Não; quero isso.
 Quem foi o dono dela?
CRESSIDA · Pouco importa.
DIOMEDES · Dizei-me de quem era.
CRESSIDA · Foi de alguém
 que me amou muito, muito, mais, decerto,
 do que vós me amareis. Porém agora
 que já a tomastes, ficareis com ela.
DIOMEDES · Quem era ele?
CRESSIDA · Por todas as donzelas
 de Diana e a própria deusa, não vos hei de
 revelar o seu nome.
DIOMEDES · Vou pregá-la
 no meu elmo, amanhã, magoando o espírito
 ao dono carecente de coragem
 para me desafiar.
TRÓILO · Fosses o diabo
 e a trouxesses nos cornos, não deixara
 de exigí-la de ti.
CRESSIDA · Bem; já está feito;
 agora é tarde. Não... não farei isso.
DIOMEDES · Então, adeus; outra ocasião não heis de
 ter de rir de Diomedes.
CRESSIDA · Não; ficai.
 Não vos posso dizer coisa nenhuma,
 sem que vos agasteis.
DIOMEDES · É que não gosto
 de graças desse jeito.

TERSITES · Justamente
como eu, por Pluto. Porém tudo quanto
não vos agrada, só prazer me enseja.
DIOMEDES · Então, posso voltar? A que horas isso?
CRESSIDA ·
Oh, sim! Voltai, por Júpiter. Quanto hei de
vir a sofrer por isso!
DIOMEDES · Então, adeus.
CRESSIDA · Boa noite. Por favor, voltai sem falta.

(*Sai Diomedes.*)

Adeus, Tróilo; um dos olhos por ti chora,
mas o outro foi com o coração embora.
Ah, pobre sexo! Em nós há o detrimento
de o erro da vista guiar o entendimento.
Erra quem o erro guia, isso é certeza;
revela a alma transviada só torpeza.

(*Sai.*)

TERSITES · Não pode haver verdade mais arguta
senão dizer: "Tornei-me prostituta".
ULISSES · Tudo acabou, senhor.
TRÓILO · É certo, é certo.
ULISSES · Então, por que ficarmos por mais tempo?
TRÓILO · Para na alma fixar todas as sílabas
pronunciadas aqui. Porém, dizendo
quanto eles praticaram, porventura
não mentirei, contando uma verdade?
No coração ainda abrigo crença,
crença e esperança, de tal modo fortes,
que o penhor invalida dos ouvidos
e dos olhos, tal como se esses órgãos
por função a mentira só tivessem
e para caluniar criados fossem.
Cressida esteve aqui?

ULISSES · Não sei fazer
invocações, troiano.

TRÓILO · Certamente
não era ela.

ULISSES · Ela mesmo, com certeza.

TRÓILO · O fato de eu negar não tem ressaibo
de loucura, decerto.

ULISSES · O mesmo eu digo
com relação a mim. Cressida esteve
neste momento aqui.

TRÓILO · Oh! pelo próprio
crédito das mulheres, não devemos
crer em tal coisa. Basta nos lembrarmos
de que tivemos mãe. Causa não demos

aos críticos teimosos, sempre prontos
a caluniar sem causa, para o sexo
medir pela bitola de Cressida.

ULISSES · Príncipe, que fez ela, para nódoa
lançar em nossas mães?

TRÓILO · Nada, no caso
de não ter ela estado aqui presente.

TERSITES · Será que ele ainda vai mostrar jactância
apesar do que viu?

TRÓILO · Essa é Cressida?
Não; é a Cressida, apenas, de Diomedes.

Se a beleza tem alma, não é ela;
se a alma conduz a fé, e esta for santa;
se a santidade é a máxima delícia
dos deuses imortais; se na unidade
houver uma certa ordem: não era ela.

Oh loucura do verbo, que excogita
razões contra e a favor, na própria causa!
Bífida autoridade, onde revolta
pode a razão fazer sem detrimento
e a forma da razão assumir o erro
sem revolta causar. Esta, a um só tempo,
é e não é Cressida. Dentro da alma
trava-se-me uma luta muito estranha,
de tal modo que fica o indissolúvel
mais separado do que o céu e a terra,
sem que, no entanto, mostre a larga brecha
dessa separação o mais pequeno
pertuito que passar deixasse o fio
de Aracne, tão sutil, quando rompido.
Evidência, oh evidência! forte como
as portas de Plutão! Cressida é minha,
pelos liames do céu a mim ligada.

Evidência, evidência, tão possante
quanto o alto céu! Abertos, dissolvidos,
frouxos estão os liames do céu alto,
e apertados em nós por cinco dedos
os detritos da fé, do amor os restos,
as migalhas, fragmentos, as relíquias
engorduradas de sua fé corroída,
a Diomedes agora estão ligados.

ULISSES · O digno Tróilo sentirá, acaso,
metade, só, do que a paixão exprime?

TRÓILO · Sim, grego, o que há de ser bem divulgado
com caracteres tão vermelhos como
o coração de Marte encandecido
por Vênus sedutora. Nenhum jovem

jamais amou com alma tão constante. Escuta, grego: tanto amo a Cressida como tenho ódio ao Diomedes dela. Foi minha aquela fita que ele agora vai pôr no capacete. Fosse embora forjado esse elmo na arte de Vulcano, cairá por minha espada. Não, a tromba terrível, furacão denominada pelos homens do mar, pelo potente sol condensada, com maior estrondo em sua queda atordoar não há de o ouvido de Netuno como a minha forte espada ao baixar sobre Diomedes.

TERSITES · Cócegas vai fazer-lhe, pela sua concupiscência.

TRÓILO · Oh Cressida, Cressida, falsa, falsa! Ao lado de teu nome maculado todas as falsidades são brilhantes.

ULISSES · Oh, dominai-vos! Essas explosões atraem os curiosos.

(Entra Enéias.)

ENÉIAS · Meu príncipe, procuro-vos há uma hora. Heitor agora em Tróia está se armando.

Espera-vos Ajaz para levar-vos de volta para casa.

TRÓILO · Às vossas ordens, príncipe. Meu cortês senhor, adeus. Adeus, formosa apóstata. E, Diomedes, põe uma torre na cabeça, quando tiveres de enfrentar-me.

ULISSES · Vou levar-vos até os portões.

TRÓILO · Meus agradecimentos confusos aceitai.

(Saem Tróilo, Enéias e Ulisses.)

TERSITES · Quisera encontrar esse miserável Diomedes! Haveria de grasnar como um corvo, anunciando desgraças, anunciando desgraças. Pátroclo me dará alguma coisa pela notícia dessa prostituta. O papagaio não faria mais por uma amêndoa, do que ele por uma rameira cômoda. Devassidão, devassidão! Sempre, guerra e devassidão! E o que sempre está na moda. Que um diabo em chamas arrebate a eles todos!

(Sai.)

Ato V · Cena III

Tróia. Diante do palácio de Príamo.

Entram Heitor e Andrômaca.

ANDRÔMACA ·

Quando já estive meu senhor de gênio tão pouco amável, para ficar surdo, a esse ponto, aos conselhos? Desarmai-vos, não saiais hoje à luta. Desarmai-vos.

HEITOR · Obrigais-me a ofender-vos. Recolhei-vos. Pelos deuses eternos, vou bater-me.

ANDRÔMACA ·

Meu sonho inculca para o dia de hoje, sem dúvida, desgraça.

HEITOR · Basta, basta!

(Entra Cassandra.)

CASSANDRA · Onde está o mano Heitor?

ANDRÔMACA ·

Aqui, irmã;

armado e com sangrentas intenções. Associai-vos comigo nestas súplicas fervorosas e vivas. Insistamos junto dele, de joelhos, pois um sonho

tive de uma refrega sanguinária, passando a noite a ver somente formas e quadros de matança.

CASSANDRA · Oh! é verdade.

HEITOR · Olá! Fazei soar minha trombeta.

CASSANDRA · Pelo céu, caro mano, não dês ordem de toque de saída.

HEITOR · Retirai-vos, digo; os deuses ouviram minhas juras.

CASSANDRA ·

Surdos são sempre os deuses para os votos teimosos e impensados; são oblatas poluídas e muito mais odiadas do que manchados fígados nas aras.

ANDRÔMACA ·

Deixai-vos persuadir, não tendo em conta causar ofensa a algum dever sagrado por querer ser piedoso. Tão legítimo fora, então, recorrermos à violência para ter o que dar, assim, roubando tão-só por caridade.

CASSANDRA · O que reforça
nossos votos é apenas a intenção;
nem todos podem ser mantidos sempre.
Caro Heitor, desarmai-vos.

HEITOR · Ficai quieta,
torno a dizer. Minha honra é que me lança
no furacão da sorte. Os homens todos
prezam a vida; mas somente o forte
sabe a honra colocar acima dela.

(Entra Tróilo.)

Então, mancebo, queres bater-te hoje?

ANDRÔMACA ·

Cassandra, chama o pai, depressa, para
vir persuadi-lo.

(Sai Cassandra.)

HEITOR · Não, meu jovem Tróilo;
tira esse arnês, mancebo. Hoje na veia
me encontro de combates. Deixa os membros
crescer, até ficarem resistentes,
sem tentar os atritos das batalhas.

Desarma-te e acredita, minha jóia,
que hoje eu luto por ti, por mim, por Tróia.

TRÓILO · Tendes um vício generoso, mano,
que assenta mais no leão do que nos homens.

HEITOR · Que vício, caro Tróilo? Vamos; quero
que me ralhes por isso.

TRÓILO · Muitas vezes,
quando os cativos gregos derrubados
são pelo vento e pelo movimento
de vossa bela espada, permitis
que se levantem, vivos continuando.

HEITOR · É por cavalheirismo.

TRÓILO · Melhor fora
dizer cavalheirismo, mano.

HEITOR · Como!

Como assim?

TRÓILO · Pelo amor dos deuses todos,
às nossas mães deixemos a piedade
dos ermitões, e após termos as nossas
armaduras vestido, que o veneno
da vingança cavalgue em nossos gládios,
da piedade os desvie, concitando-os
ao trabalho implacável.

HEITOR · Fora, fora,
selvagem!

TRÓILO · Não, Heitor; a guerra é isso.

HEITOR · Não quero, Tróilo, que te batas hoje.

TRÓILO · Quem virá impedir-me?

Não a sorte, a obediência, a mão de Marte
com seu bastão de mando, temeroso,
nem Príamo, nem Hécuba, de joelhos,
de olhos pisados do correr das lágrimas,
nem vós, irmão, com vossa fida espada,
como grande empecilho, poderíeis
deter-me em meu caminho, mas apenas
minha própria desgraça.

(Volta Cassandra, com Príamo.)

CASSANDRA · Lança mão dele, Príamo, com força.

Ele é tua muleta. Se perderes
esse esteio — pois nele tu te apóias
e Tróia em ti — abaixo vireis todos.

PRÍAMO · Vamos, Heitor, não saias. Hoje tua
mulher sonhou, tua mãe teve visões,
Cassandra já predisse e eu próprio, como
profeta que de súbito se inspira,
te digo que é funesto o dia de hoje.
Entra, pois.

HEITOR · Já no campo se acha Enéias;
comprometido estou com muitos gregos,
pela fé de meu brio, a deixar ver-me
na pugna esta manhã.

PRÍAMO · Mas não irás.

HEITOR · Quebrar não poderei meu juramento.
Sabeis que sempre fui obediente.
Não consintais, senhor, por isso, agora,
que eu vos falte ao respeito. Não! deixai-me,
com vossa permissão e vosso apoio,
seguir o rumo que quereis proibir-me,
Príamo real.

CASSANDRA · Oh Príamo, não cedas!

ANDRÔMACA · Não, caro pai.

HEITOR · Isso me ofende, Andrômaca.
Pelo amor que me tendes, recolhei-vos.

(Sai Andrômaca.)

TRÓILO · Tudo vem dessa jovem sonhadora,
supersticiosa e louca.

CASSANDRA · Adeus, Heitor!
Mano querido, adeus! Vê como morres;
olha como teus olhos ficam pálidos;
olha como por muitas aberturas
as feridas te sangram. Ouve: Tróia
em peso ulula! Ouve os soluços de Hécuba,
a dor da pobre Andrômaca; olha agora:
o estupor, a loucura, o desespero,
como idiotas grosseiros, aturdidos,
correm por toda a parte, conclamando:

Heitor, Heitor! Heitor morreu! Oh Heitor!

TRÓILO · Fora daqui!

CASSANDRA · Já vou; mas, devagar. A mão, Heitor; és de ti e de Tróia o matador.

(*Sai.*)

HEITOR · Suas exclamações vos aturdiram, meu senhor. Retornai para a cidade e o povo encorajai. Vou para a luta, dos gregos prometendo ser o açoite. Grande assunto tereis para esta noite.

PRÍAMO · Adeus; os deuses do alto te protejam.

(*Heitor e Príamo saem por diferentes lados.*)

TRÓILO · Já vou, falso Diomedes! Ou meu braço perco na luta ou arranco-te o meu laço.

(*Ao fazer menção de retirar-se por um lado, entra Pândaro pelo outro.*)

PÂNDARO · Estais ouvindo, senhor? Estais ouvindo?

TRÓILO · Que aconteceu?

PÂNDARO · Aqui está uma carta daquela pobre rapariga.

TRÓILO · Deixai-me lê-la.

PÂNDARO · Uma tísica maldita, uma infame tísica me atormenta tanto como a sorte daquela rapariga. E ou por esta causa ou por aquela, serei forçado a vos deixar um dia destes. Ainda por cima, sofro deste lacrimejamento e de tão fortes dores nos ossos, que a menos que seja amaldiçoado, não sei o que possa significar tudo isso. Que é que ela diz na carta?

TRÓILO · Palavras, só palavras, mas nenhuma vinda do coração; os sentimentos vão por outro caminho.

(*Rasga a carta.*)

Vento, volta

para o vento e, com ele, vira e muda-te.

Meu amor com palavras ela entope, mas do outro o abrigo já chegou no tope.

(*Saem por lugares diferentes.*)

Ato V · Cena IV

Planície entre Tróia e o acampamento grego.

Alarma. Movimento de tropas. Entra Tersites.

TERSITES · Agora eles se estão agatanhando. Vou dar uma espiada. Aquele abominável lacaio, o falso Diomedes, pregou no capacete o laço daquele troiano, estúpido, tonto e apaixonado. Desejara assistir ao encontro deles dois. Quem dera que esse mesmo asno troiano, que está apaixonado daquela prostituta, mandasse de volta o grego devasso, esse lacaio de laço no capacete, para a rameira hipócrita e luxuriosa, numa embaixada desençada. Por outro lado, a política desses lacaios de juramentos fáceis — aquele velho pedaço de queijo, rançoso e comido de ratos, Nestor, e o raposão Ulisses — não vale decerto uma só amora. Por astúcia lançaram o mastim Ajaz contra aquele outro cão, que não vale muito mais do que ele, Aquiles, e agora o cachorro Ajaz está mais orgulhoso do que o cachorro Aquiles, e não quer bater-se hoje; de forma que os gregos já começam a reabilitar o bárbaro, tornando malvista a civilização. Devagar! Aí vem o senhor laço e mais o outro.

(*Entra Diomedes, seguido de Tróilo.*)

TRÓILO · Não fujas; pois embora atravessasses o rio Estígio, eu logo nadaria

no teu encaço.

DIOMEDES · Estás muito enganado; dás o nome de fuga à retirada.

Procuo apenas evitar a turba.

Toma cuidado!

TERSITES ·

Defende tua prostituta, grego! Agora pela tua prostituta, troiano! Agora o laço! Agora o laço!

(*Saem Tróilo e Diomedes, combatendo.*)

(*Entra Heitor.*)

HEITOR · Quem és grego? Adversário para Heitor? És de honra e posição?

TERSITES ·

Não, não; sou um biltre, um lacaio injuriador; um tipo crapuloso, simplesmente.

HEITOR · Acredito no que dizes; vive.

(*Sai.*)

TERSITES · Graças a Deus, por acreditares em mim. Mas que a peste te quebre o pescoço, por me teres assustado. Que terá sido feito dos dois velhacos que se batiam? Penso que um engoliu o outro. Daria boas risadas com um milagre desse porte. Mas, em verdade, é o que se dá com a luxúria: devora-se a si própria. Vou procurá-los.

(*Sai.*)

Ato V • Cena V

Outra parte da planície. Entram Diomedes e um criado.

DIOMEDES • Vai, vai, meu servidor; toma o cavalo de Tróilo e leva o esplêndido ginete à senhora Cressida. Recomenda meus serviços à sua formosura. Dize-lhe que o troiano apaixonado já recebeu de mim o merecido castigo e que eu sou dela o cavaleiro provado nos combates.

CRIADO • Parto logo.

(Sai.)

(Entra Agamémnone.)

AGAMÉMNONE • Outra vez! Outra vez! Polidamante terrível a Menão jogou por terra. Margarelonte, bastardo muito embora, aprisionou Doreu e se comporta como um colosso, a clava em movimento sobre os moídos corpos das monarcas Cédio e Epístrofo. Morto foi Políxenes; gravemente feridos Toante e Anfímaco; Pátroclo, prisioneiro ou já sem vida; Palamedes, ferido gravemente e todo arreventado. O temeroso Sagitário aterroriza nossas tropas. Diomedes, apressemo-nos; corramos a socorrer os nossos; do contrário, pereceremos todos, é certeza.

(Entra Nestor.)

NESTOR • Ide levar a Aquiles o cadáver de Pátroclo e dizei àquela lesma de Ajaz que corre, se arme e venha a campo. Há um milheiro de Heitores na campanha. Aqui luta ele em seu cavalo Gálato; do outro lado o reclamam; além, bate-se de novo a pé, fugindo ou perecendo todos como cardume de peixinhos, da baleia no vômito expelidos. Ei-lo de novo, adiante, e — vede! — os gregos

de palha, já maduros para o corte, vão caindo a seus pés como as espigas do ceifador aos golpes. Deste lado, daquele, em toda parte, toma ou deixa, obedecendo ao ímpeto a destreza, de tal maneira que realiza quanto pretende deixar feito, e tantas coisas leva a cabo que o nome de impossível damos a essa evidência.

(Entra Ulisses.)

ULISSES • Coragem, príncipes! O grande Aquiles está se armando; chora, amaldiçoa, jura vingar-se. O sonolento sangue dele foi despertado pelas chagas de Pátroclo e seu povo de Mirmídones mutilados, que, sem narizes, braços, talhados e moídos, o procuram, clamando contra Heitor. Um dos amigos perdeu Ajaz; cheia de espuma a boca, ele está armado e pronto para a luta, rugindo o nome Tróilo! Tróilo! que hoje fez tantas proezas loucas e fantásticas, deixando-se cercar e libertando-se com força negligente e negligência forte a tal ponto, como se a fortuna, a despeito de toda a habilidade, lhe houvesse permitido vencer tudo.

(Entra Ajaz.)

AJAZ • Tróilo! Covarde Tróilo!

(Sai.)

DIOMEDES • Ali! Ali!

NESTOR • Assim! Assim! Reunamos nossos homens.

(Entra Aquiles.)

AQUILES •

Onde está Heitor? Vem, matador de crianças! Mostra o rosto! Vem ver o que é encontrares-te com Aquiles furioso. Heitor! Heitor! Onde está Heitor? Não quero saber de outro.

(Saem.)

Ato V • Cena VI

Outro trecho da planície.

Entra Ajaz.

AJAZ • Tróilo! Covarde Tróilo, mostra o rosto!

(Entra Diomedes.)

DIOMEDES • Tróilo, digo; onde está?

AJAZ • Que queres dele?

DIOMEDES • Castigá-lo.

AJAZ • Se o general eu fosse,

primeiro te daria meu comando

do que esse privilégio. Tróilo! Tróilo!

(Entra Tróilo.)

TRÓILO • Oh Diomedes traidor, volta esse rosto

falso e a vida me paga que me deves

por meu cavalo.

DIOMEDES • Ah! ah! Estás aí?

AJAZ • Sou eu que vou lutar. Pára. Diomedes.

DIOMEDES •

É minha a presa; a olhar não me conformo.

TRÓILO • Vinde ambos, gregos trapaceiros; vinde!

(Saem lutando.)

(Entra Heitor.)

HEITOR • Como! Tróilo? Bravíssimo, caçula!

(Entra Aquiles.)

AQUILES • Afinal, encontrei-te, Heitor, a postos!

HEITOR • Descansa, se quiseres.

AQUILES • Orgulhoso troiano, não aceito

tua delicadeza. Considera-te

feliz por fora de uso se encontrarem
minhas armas agora. De proveito
para ti vai ser minha negligência,
minha inação. Mas hás de ouvir em breve
falar de novo em mim. Até esse instante,
procura tua sorte.

(Sai.)

HEITOR • Passa bem.

Mais disposto decerto me encontraras,
se eu te houvesse esperado. Então, irmão?

(Volta Tróilo.)

TRÓILO • Ajaz prendeu Enéias. Deixaremos
que isso aconteça? Não; por aquele astro
glorioso, ele não há de ficar preso.

Ou cairei prisioneiro juntamente
com ele, ou lhe darei a liberdade.

Fatalidade, escuta o que te digo:
nenhuma força poderá comigo.

(Sai.)

(Passa um guerreiro com armadura suntuosa.)

HEITOR • Detém-te, grego! Pára. És um bom alvo.

Não paras, não? Agradam-me essas armas.

Vou amolgar-las, descosê-las todas,
mas minhas hão de ser agora mesmo.

Como, animal! não paras? Que te impele?

Então caçar-te vou só pela pele.

(Saem.)

Ato V • Cena VII

Outra parte da planície.

Entra Aquiles com os Mirmídones.

AQUILES • Ficai perto de mim, caros Mirmídones,

e atendei ao que digo: conservai-vos

bem perto de meu carro, sem um golpe

desferir, mas mantendo sempre o fôlego.

Logo que o sanguinário Heitor acharmos,

uma cerca fazei em torno dele

com vossas armas, desfechando os golpes

sobre ele mais terríveis. Ponde os olhos

no que eu fizer; na pugna dolorida

o grande Heitor perderá hoje a vida.

(Saem.)

(Entram Menelau e Páris, combatendo; depois, Tersites.)

TERSITES • O cornudo e o fazedor de cornos já se
pegaram. Avança, touro! Avança, mastim! Pega,
Páris! Pega! O touro está ganhando... Cuidado com
os chifres dele, oh!

(Saem Páris e Menelau.)

(Entra Margarelonte.)

MARGARELONTE • Volta-te, escravo, e combate.

TERSITES • Quem és tu?

MARGARELONTE • Um filho bastardo de Príamo.

TERSITES • Eu também sou bastardo; gosto
de bastardos. Sou bastardo por nascimento,
bastardo pela nutrição, bastardo nas idéias,
bastardo no valor, ilegítimo em tudo. Um urso não

morde outro; por que há de fazê-lo um bastardo?
Toma cuidado; a batalha é nefasta para nós: bater-se
um filho de prostituta por causa de outra prostituta,

é chamar sobre si a condenação eterna. Adeus,
bastardo!

(Sai.)

MARGARELONTE · Que o diabo te leve, covarde!

(Sai.)

Ato V · Cena VIII

Outra parte da planície.

Entra Heitor.

HEITOR · Oh núcleo putrefeito, só vistoso,
tua boa arma te custou a vida.

A tarefa do dia está completa.

Descansa, espada; hoje tiveste sorte;
saciada estás de sangue, dor e morte.

(Tira o capacete e lança o escudo para as costas.)

(Entram Aquiles e os Mirmídones.)

AQUILES · Olha, Heitor, como o sol baixa no ocaso
e como a feia noite vem cansada
no rasto dele. Assim como se afunda,
desaparecendo, o sol, no fim do dia,
de Heitor a vida, agora, se abrevia.

HEITOR · Desarmado me encontro; não te valhas,
grego, dessa vantagem.

AQUILES · Camaradas,
feri de rijo; é o homem que buscávamos.

(Heitor cai.)

Assim caia Ílio! Tróia, vem abaixo!
Teu nervo, teu tendão já ficou laxo.
Mirmídones, cantai com bem vigor:
“Matou Aquiles o possante Heitor!”

(Ouve-se um toque de retirada.)

Escutai: retirada para os gregos.

UM MIRMÍDONE ·

As trombetas troianas também tocam,
senhor, a mesma coisa.

AQUILES · A noite escura
com suas asas de dragão se espalha
por toda a vasta terra e como um árbitro
separa os dois exércitos. Meu gládio,
que mal comeu, quisera outro jantar;
mas depois disto pode descansar.

(Embainha a espada.)

Atai o corpo à cauda do cavalo;
pelos campos de Tróia vou levá-la.

(Saem.)

Ato V · Cena IX

Outra parte da planície.

*Entram Agamémnone, Ajaz, Menelau, Nestor, Diomedes
e outros, em passo de marcha. Aclamações dentro.*

AGAMÉMNONE ·

Escutai! Escutai! Que clamor é esse?

NESTOR · Tambor, silêncio!

(Aclamações, dentro.)

Aquiles! Viva Aquiles!

(Saem marchando.)

Heitor morreu! Aquiles!

DIOMEDES · O ruído

é que Heitor já morreu; matou-o Aquiles.

AJAZ · Se foi assim, deixemos de vanglória,
que Heitor não lhe ensejou fácil vitória.

AGAMÉMNONE ·

Sigamos devagar. Em nossa tenda
pedi a Aquiles que ora nos atenda.

Os deuses nos ajudam; essa morte
vem decidir, em Tróia, a nossa sorte.

Ato V · Cena X

Outra parte da planície.

Entra Enéias com soldados troianos.

ENÉIAS · Parai aqui, pois já ficamos donos do campo de batalha. Não voltemos para Tróia; façamos que de fome venha a morrer a noite.

(Entra Tróilo.)

TRÓILO · Heitor morreu.

TODOS · Heitor! Oh! não permitam isso os deuses!

TRÓILO · Morreu; e atado à cauda de um cavalo por maneira bestial, seu assassino o arrasta pelo campo envergonhado.

Enfarruscai-vos, céus, e, sem demora, mandai-vos vossa cólera! Dos vossos tronos arrasai Tróia, oh deuses do alto! Sejam clemência vossos golpes rápidos, não prolongando nossa morte certa.

ENÉIAS · Senhor, desanimais nossos soldados.

TRÓILO · Interpretais-mé mal, dessa maneira.

Não falo em medo, fuga, nem em morte; ousado enfrento todos os perigos a que dão corpo todas as ameaças dos deuses, dos mortais. Heitor morreu.

Quem a Príamo ou a Hécuba a notícia querera transmitir? Quem o apelido de coruja quisera por toda a vida, a Tróia se dirija e lá anuncie que Heitor já não tem vida. É uma palavra que em pedra fará Príamo tornar-se;

transformará em Níobes e fontes esposas e donzelas, e em estátuas gélidas os mancebos; em resumo: fará Tróia ter medo de si mesma.

Marchemos, pois Heitor está sem vida; nada mais, depois disso, tem cabida.

Não! Um momento. Vós, malditas tendas tão orgulhosamente levantadas em nosso plaino frígio, ouvi: tão cedo quanto ousar elevar-se o Tão crástino, hei de vos percorrer de ponta a ponta.

E tu, covarde de estatura grande, fica sabendo que nenhum espaço te separará nunca de nosso ódio; vou perseguir-te como uma consciência culpada que surgir faz mais fantasmas que o delírio febril. Tocai a marcha para Tróia. Mas resta ainda a esperança de esquecermos os males com a vingança.

(Saem Enéias e os soldados troianos.)

(Ao fazer Tróilo menção de retirar-se por um lado, entra Pândaro pelo outro.)

PÂNDARO · Escutai-me, senhor! Escutai-me!

TRÓILO · Laciao alcoviteiro que a vergonha do próprio nome te produza ronha.

(Sai.)

PÂNDARO · Excelente mezinha para minha dor de ossos. Oh mundo! mundo! mundo! É assim que se alija um pobre agente. Oh traidores e alcoviteiros, como se vos impõe trabalho duro, para, no fim, vos pagarem tão mal! Por que deverão ser tão estimados nossos serviços e tão odiadas nossas funções? Não haverá algum verso que tenha aplicação ao meu caso? Nenhuma figura apropriada? Vejamos:

Vive a abelha a cantar, num ledo engodo, até o mel e o ferrão perder de todo, pois ficando o ferrão dela embotado, adeus, mel, adeus, canto modulado! Comerciantes da carne, escrevei em vossos estandartes o seguinte:

Vós que o salão pisais do alcoviteiro, por Pândaro chorai o dia inteiro. Se lágrimas vos faltam, peço vossos suspiros: não por mim, por vossos ossos. Irmãos e irmãs, que à porta estais de guarda, meu testamento vem aí, não tarda. Já feito ele estaria, se não fosse temer um pato de Winchester no alcouce. Até lá vou suar para aliviar-me, legando-vos meus males neste carme.

(Sai.)